

ESCOLA DE COMUNICAÇÃO, ARTES E DESIGN – FAMECOS  
JORNALISMO

RIAN GOULART FERREIRA

**A ENTREVISTA COMO FONTE DE INFORMAÇÃO PARA O CIDADÃO**

Orientador: Jacques Alkalai Wainberg

Porto Alegre  
2023

GRADUAÇÃO



Pontifícia Universidade Católica  
do Rio Grande do Sul

RIAN GOULART FERREIRA  
(E-mail: rian.ferreira@edu.pucrs.br)

## **A ENTREVISTA COMO FONTE DE INFORMAÇÃO PARA O CIDADÃO**

Trabalho de conclusão do curso de Jornalismo da Escola de Comunicação, Artes e Design da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul

Orientador: Prof. Jacques Alkalai Wainberg

Porto Alegre  
2023

RIAN GOULART FERREIRA

**A ENTREVISTA COMO FONTE DE INFORMAÇÃO PARA O CIDADÃO**

Trabalho de conclusão do curso de Jornalismo da Escola de Comunicação, Artes e Design da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul

Aprovada em: 28 de novembro de 2023

BANCA EXAMINADORA:

---

Prof. Dr. Jacques Alkalai Wainberg - PUCRS

---

Prof. Dr. Moreno Cruz Osório - PUCRS

---

Prof. Me. Luiz Antônio Araujo - PUCRS

## DEDICATÓRIA

Dedico este projeto ao meu avô Ricardo Juares Ferreira, o *Ducão* (in memoriam), um grande incentivador, que sempre acreditou no meu retorno ao jornalismo, que ligou orgulhoso depois de me ouvir no rádio pela primeira vez e é quem eu sei que, mesmo que não tenha visto acontecer, está orgulhoso desse momento.

Também dedico este trabalho aos colegas e amigos que fizeram parte do começo da minha trajetória, sendo peças importantes na minha adaptação, além de grandes parceiros que sempre acreditaram no meu desenvolvimento: César Alberto Manoel (in memoriam); Eduardo Brum (in memoriam); e Marne Barcelos (in memoriam).

## AGRADECIMENTOS

Sobre todas as coisas e todos, **agradeço a Deus** por todas as bênçãos, pelo dom da vida e pela oportunidade de atingir mais uma conquista;

Em seguida, agradeço aos seguintes:

Meu orientador, Jacques Wainberg, pelo sim e pela oportunidade de trabalhar diante de uma referência da Universidade e da profissão; o avaliador Luiz Antônio Araújo e a pré-orientadora Cristiane Finger, pelo auxílio no andamento do projeto;

Colegas, pela parceria na elaboração e execução dos trabalhos e projetos; Professores da PUCRS, pela expertise, auxílio no desenvolvimento e conselhos dentro e fora da sala de aula; Funcionários da PUCRS, pelo suporte e parceria durante estes semestres nos quais estive matriculado na instituição;

Meus irmãos Enzo Goulart Ferreira e Danrri Goulart Ferreira; meu pai, Ricardo José Ferreira; e minha mãe, Gislaine Teresinha Goulart; pelo incentivo, paciência e acreditarem na minha formação desde o início. Minha avó Terezinha Dilva da Luz, que desde a minha infância, pelo hábito diário, instigou a minha paixão pelo rádio;

Professor Leandro Olegário e aos gestores Marcio Alex Cardoso e Martin Trapp, pelas oportunidades que tive na faculdade e no mercado de trabalho, as quais foram importantes para a decisão de retornar em 2019. Guga Stefanello, Renato Sagrera, Renato Bohusch, Mateus Rosário, Felipe Daroit, Vitor Alcântara, Germano Bremm e Carla Bisol, pelas oportunidades, que foram de extrema valia para a minha formação;

Gustavo Victorino, Kleriton Vargas, Jota Crom e Marcelo Garcia, que foram essenciais no meu dia a dia e adaptação ao ambiente de um grande veículo de comunicação durante a minha primeira experiência de mercado;

Todos os colegas, professores e funcionários do Centro Universitário Ritter dos Reis e da OSCIP Padre Landell de Moura, que auxiliaram a aflorar a paixão pelo jornalismo e proporcionaram minhas primeiras oportunidades; Ricardo Cunha e Laura Glüer, cruciais na decisão de retornar ao jornalismo.

André Zanella da Rosa, Jonathan Rocha e Richard Schutz, importantes quando precisei sair da faculdade de jornalismo. Sem o conforto e incentivo desses amigos, o meu retorno e conclusão neste momento não seriam possíveis;

Todos os colegas de trabalho no Centro Universitário Ritter dos Reis, na Defesa Civil de POA, na Rede Pampa de Comunicação, na Câmara Municipal de POA, na Defensoria Pública do RS, no Partido Progressista e na Smamus POA, pelos feitos, vínculos e aprendizados obtidos durante o período da minha formação.

“É preciso respeitar a filosofia do jornalismo, que é realmente tentar ser honesto. (..) O jornalismo é uma profissão nobre, é nisso que eu acredito” (GAY TALESE, 2009).

## RESUMO

Esta monografia tem como um de seus objetivos adentrar diversos pontos referentes à entrevista, iniciando pela teoria, com conceitos, história da primeira entrevista, passando, ainda, por aplicações da entrevista em áreas distintas do jornalismo. Em seguida, há uma reflexão sobre os tipos de entrevista no jornalismo, parágrafos concisos sobre gêneros e formatos de programas televisivos e a aplicação da entrevista nos mesmos. Visando uma expansão do conteúdo para facilitar a compreensão dos pontos abordados na análise comparativa, é feita uma apresentação sobre os quatro objetos escolhidos para este estudo comparativo, abordando tópicos sobre a história dos programas, suas características, seus apresentadores e breves relatos sobre os perfis gerais dos entrevistados. Esta análise de quatro programas tem, dentre um de seus objetivos finais, mostrar como as diferentes formas de fazer uma entrevista podem ser eficazes para o seu grande propósito: gerar conteúdo para o consumidor da informação. E não apenas focando na diferença entre os entrevistadores, como também abordando o contexto dos seus programas e aspectos que podem passar despercebidos, como o cenário, por exemplo.

**Palavras-chave:** entrevista; televisão; jornalismo.

## **ABSTRACT**

One of the aims of this monograph is to go into various points relating to the interview, starting with theory, concepts, the history of the first interview, as well as applications of the interview in different areas of journalism. This is followed by a reflection on the types of interview in journalism, concise paragraphs on genres and formats of television programs and the application of the interview in them. Aiming to expand the content to make it easier to understand the points covered in the comparative analysis, a presentation is made on the four objects chosen for this comparative study, covering topics on the history of the programs, their characteristics, their presenters and brief reports on the general profiles of the interviewees. One of the ultimate aims of this analysis of four programs is to show how different ways of conducting an interview can be effective for their main purpose: generating content for the information consumer. And not only focusing on the difference between the interviewers, but also addressing the context of their programs and aspects that may go unnoticed, such as the setting, for example.

**Palavras-chave:** interview; television; journalism.



## LISTA DE FIGURAS

Figura 1: Jô Soares entrevista Roberto Carlos - Globoplay .....	21
Figura 2: Carlos Tramontina - Canal Flow News.....	23
Figura 3: Tiquinho Soares - eotimedopovo.com.br .....	26
Figura 4: Entrevista na RBS TV - Globoplay.....	27
Figura 5: Adriano Imperador entrevistado no Fantástico .....	28
Figura 6: Orestes Quércia no Roda Viva.....	30
Figura 7: Entrevista coletiva de João Dória Jr .....	31
Figura 8: Oprah Winfrey entrevista Michael Jackson .....	32
Figura 9: Jimmy Fallon homenageia Kobe Bryant.....	36
Figura 10: Charge no Roda Viva.....	38
Figura 11: Debate no programa PBS NewsHour - Canal PBS NewsHour.....	41
Figura 12: Jair Bolsonaro no Pânico - Canal Pânico Jovem Pan .....	43
Figura 13: Papo de Boleiro com atacante Everton - Canal Band Esporte Clube.....	44
Figura 14: Estúdio remodelado do Pânico - Canal Pânico Jovem Pan .....	47
Figura 15: Papo de Boleiro com ex-lateral Rogério - band.uol.com.br .....	48

## SUMÁRIO

<b>1</b>	<b>CONSIDERAÇÕES INICIAIS.....</b>	<b>10</b>
<b>2</b>	<b>A ENTREVISTA EM TEORIA.....</b>	<b>14</b>
<b>2.1</b>	<b>A entrevista e suas diferentes áreas.....</b>	<b>14</b>
<b>2.2</b>	<b>A ética como base para uma boa entrevista.....</b>	<b>18</b>
<b>2.3</b>	<b>Técnicas de entrevista .....</b>	<b>20</b>
<b>2.4</b>	<b>Expertise do entrevistador.....</b>	<b>22</b>
<b>3</b>	<b>A ENTREVISTA E SUAS APLICAÇÕES.....</b>	<b>24</b>
<b>3.1</b>	<b>Tipos de entrevistas .....</b>	<b>24</b>
3.1.1	Rituais.....	26
3.1.2	Temáticas.....	27
3.1.3	Testemunhais.....	27
3.1.4	Em profundidade.....	28
3.1.5	Ocasionais .....	29
3.1.6	Confrontos.....	29
3.1.7	Coletivas.....	30
3.1.8	Dialogais.....	31
<b>3.2</b>	<b>Jornalismo de Televisão.....</b>	<b>32</b>
<b>3.3</b>	<b>Gêneros televisivos: é possível elencá-los? .....</b>	<b>33</b>
<b>3.4</b>	<b>Formatos dos programas.....</b>	<b>34</b>
3.4.1	Talk shows .....	35
<b>4</b>	<b>METODOLOGIA DE PESQUISA.....</b>	<b>37</b>
<b>4.1</b>	<b>Apresentação dos programas analisados .....</b>	<b>37</b>
4.1.1	Roda Viva.....	37
4.1.2	PBS NewsHour .....	39
4.1.3	Pânico.....	41
4.1.4	Papo de Boleiro.....	43
<b>4.2</b>	<b>Análise.....</b>	<b>44</b>
<b>5</b>	<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>50</b>
	<b>REFERÊNCIAS .....</b>	<b>52</b>

## 1 CONSIDERAÇÕES INICIAIS

Parafraseando Alberto Dines, “a maneira de obter a informação afeta seu teor”. A partir desta frase, pode-se colocar a entrevista como a forma mais íntima de conectar-se com uma história, pois, a entrevista, mesmo que seja ela estruturada ou não, é um método estabelecido de pesquisa social (Gaskell; Bauer, 2003) que pode ser utilizado nas mais diversas áreas de diferentes maneiras.

Neste trabalho, mais de uma área será abordada no começo, ao apresentar locais fora do jornalismo nas quais a entrevista é aplicada. Depois, entra-se, de fato, no jornalismo, principalmente elencando tipos de entrevista, uma breve apresentação sobre gêneros e formatos e a aplicação nos mesmos, além da análise propriamente dita.

E por que a entrevista? Por ela ser “o procedimento clássico de apuração de informações em jornalismo” (*sic*) e, além disso, uma “expansão da consulta às fontes, objetivando, geralmente, a coleta de interpretações e a reconstituição de fatos” (Lage, 2001, p. 33).

Esta análise de diversos programas tem, dentre um de seus objetivos finais, mostrar como as diferentes formas de fazer uma entrevista podem ser eficazes para o seu grande propósito: gerar conteúdo para o consumidor da informação. E não apenas focando na diferença entre os entrevistadores, como também abordando o contexto dos seus programas e aspectos que podem passar despercebidos, como o cenário, por exemplo.

Programas diversificados, com tipos de entrevista completamente distintos, serão apresentados durante este trabalho. Dentre eles, alguns mais conhecidos do público brasileiro, tanto pela notoriedade obtida durante seu período no ar ou pela perícia e habilidade do entrevistador, tópico também discutido durante o trabalho.

O *Programa do Jô*, da Rede Globo de Televisão, atração comandada por Jô Soares, especificamente, pode ser considerada um *talk show*, pois é ligado à informação, entretanto, seu formato consiste em “verificar dados, obter valorações ou pronunciamentos sobre um fato da atualidade ou sobre um personagem que é notícia; enfim, trata-se de conhecer aspectos novos a partir do diálogo com os entrevistados” (Mateu<sup>1</sup>, 1998, p. 151 *apud* SILVA, 2009, p. 2).

A partir desta subdivisão, pode-se lembrar de outras atrações mundo afora, como *The Ellen DeGeneres Show*, *The Tonight Show Starring Jimmy Fallon* (que sucedeu o consolidado *NBC The Tonight Show with Jay Leno*), *The Oprah Winfrey*

---

<sup>1</sup> MATEU, Manuel. La entrevista en televisión. In: BALSEBRE, Armand; VIDAL, David. La entrevista en radio, televisión y prensa. Madrid: Cátedra, 1998. p. 149-244.

*Show*, até os brasileiros *The Noite*, comandado por Danilo Gentili, *Conversa com Bial*, apresentado por Pedro Bial, *Greg News*, de Gregorio Duvivier, *Lady Night*, comandado por Tatá Werneck, entre outros veiculados em diversas emissoras e *streamings*.

Porém, antes de ater-se especificamente aos programas, é necessário concentrar-se no produto, ou seja, a entrevista. O início deste trabalho vai apresentar o conceito da entrevista e como ela é utilizada não apenas no jornalismo, mas em diversas outras profissões, explorando brevemente algumas particularidades em outras ocupações.

Ocupações como a Psicologia, os Recursos Humanos, até a investigação policial, têm a entrevista como um de seus pilares. A jornalista Stela Guedes Caputo aponta que caso seja considerada “apenas uma técnica eficiente para obter respostas pré-pautadas por um questionário”, a entrevista não alcançará o seu objetivo, que é, segundo ela, promover a comunicação entre as pessoas.

A partir desta ideia, parte-se da premissa que entender bem o que é a entrevista e como utilizá-la são os primeiros passos para adentrarmos nas subdivisões da entrevista. Somente assim, após a compreensão destes tópicos, pode-se entender os tipos de entrevista, suas particularidades, diferentes técnicas e maneiras para chegar ao seu objetivo.

Além dos *talk shows*, telejornais como o *PBS NewsHour*, da PBS, apresentado por Amna Nawaz e Geoff Bennett no período da elaboração deste trabalho, e jornalistas como Boris Casoy, Gay Talese, Geneton Moraes Neto, Oriana Fallaci, Roberto Cabrini, entre muitos outros, podem ser usados como exemplos pela maneira que tratam as entrevistas e conduzem as histórias, sendo referências para os novos profissionais da área.

Assim como temos estes citados anteriormente, há ainda programas como o consolidado *Roda Viva*, da TV Cultura, que com o seu já conhecido modo de aplicar uma rotatividade de entrevistadores de acordo com o tema e entrevistado, consegue circular em diversos ambientes, tanto em caráter formal como informal (Gomes, 2022).

Uma parte desta análise passa por um gênero que além da informação trata de uma paixão mundial: o esporte, mais precisamente, o futebol. São bem mais do que quatro linhas, vinte e dois atletas e uma bola. Em Moçambique, por exemplo, acredita-se que o futebol desempenha uma importante contribuição na construção de uma “nação forte, unida e moderna” (Manhanguela, 2022).

Desde entrevistadores com perfis totalmente distintos, programas com

inúmeras pessoas perguntando, como no caso das famosas mesas-redondas, que estão espalhadas pelos canais de todo o Brasil, vide *Os Donos da Bola*, os antigos *Bate Bola*, *Jogando em Casa*, *Arena Sportv*, entre infinitos outros, as entrevistas no esporte têm um quê diferente.

Não só daquelas palavras prontas pós-jogo ou no intervalo ou das entrevistas coletivas em que todos têm o mesmo material e “se acotovelam e espremem suas fontes com microfones, câmeras e gravadores” (Christofolletti, 2008) que vive a entrevista do jornalismo esportivo.

Segundo o pensamento de Pereira (2013, p. 11), “o esporte tem um grande envolvimento emocional e por isso em cada mensagem devem estar presentes elementos narrativos capazes de promover emoção e, assim, envolvimento afetivo e imaginário”.

Essa sentença remete a grandes entrevistadores como Régis Rösing, e suas reportagens para o *Esporte Espetacular*, e Fernando Fernandes, do *Papo de Boleiro*, quadro do *Band Esporte Clube* que ganhou um programa próprio, além do *Bola da Vez*, histórico programa da ESPN, que trazem um olhar mais íntimo aos personagens da indústria esportiva.

Esse papel de realizar conversas mais voltadas aos personagens e menos aos jogos também é feito nos dias atuais por instituições, como a UEFA, a confederação europeia de futebol, que comumente usa muito das entrevistas com grandes atletas de suas competições, principalmente nos intervalos das transmissões das partidas, além da produção de programas especiais da *UEFA Champions League*, *Europa League*, *Conference League*, *Nations League*, *Eliminatórias* e *Eurocopa*.

O modelo utilizado pela UEFA é aplicado de forma semelhante pela *Premier League*, que é a liga responsável pelo Campeonato Inglês de futebol profissional. Além de serem veiculados por si próprios, essas entrevistas são utilizadas pelas emissoras detentoras dos direitos de transmissão das competições ao redor do mundo, atingindo bilhões de pessoas.

O objetivo deste trabalho é mostrar as diversas faces da entrevista e confirmar o seu papel na busca da informação mais confiável e íntima para o nosso receptor. E além de apenas apresentar, entender como aspectos e abordagens diferentes podem ser benéficas, de acordo com a situação na qual se apresenta a entrevista.

O método de análise comparativa proposto para este trabalho busca exatamente isto: dar atenção a diversos pontos, apresentando-os, familiarizando

para quem os está lendo e facilitando a compreensão da análise, que vai abordar muitas vertentes.

Pelo mesmo motivo abordado para justificar a inserção de conteúdos sobre gêneros e formatos, visando uma expansão do conteúdo para facilitar a compreensão dos pontos abordados na análise comparativa, é feita uma apresentação sobre os objetos escolhidos para este estudo, abordando tópicos sobre a história do programa, características, apresentadores e breves relatos sobre o perfil geral dos entrevistados.

## 2 A ENTREVISTA EM TEORIA

Entrevista: na teoria da língua portuguesa, esta palavra nasceu do francês *entrevue*, com influência no latim, a partir das palavras *inter* e *vedere*, trazendo o significado de “ato de ver um ao outro”. Um profissional e um paciente, um candidato, uma fonte, depende do teor e do objetivo de quem entrevista e de quem está sendo entrevistado.

A entrevista é uma atividade em que, não somente pessoas ligadas à área de comunicação, como os jornalistas, mas todos nós, de uma forma ou de outra, estamos envolvidos, quer como entrevistadores, quer como entrevistados. O seu objetivo é sempre o relacionamento entre humanos, mas os direitos dos participantes não são os mesmos, pois o entrevistador faz as perguntas e oferece, em seguida, o turno ao entrevistado. Na verdade, as relações de poder entre eles deixa-os em diferentes condições de participação no diálogo. (Fávero, 2000, p. 79-80 *apud* Moreira, 2019, p. 44).

Não só no jornalismo, mas a partir dele. Porém, falando de entrevista jornalística, Pereira Junior<sup>2</sup> (2006, p. 108 *apud* Malta, 2015, p.18-19) afirma que esse tipo de entrevista originou-se ainda no século XIX, em 1836. Mais precisamente, por intermédio do anglo-americano James Gordon Bennett, empresário nascido na Escócia e fundador do *New York Herald*, jornal estadunidense que entre os anos de 1835 e 1924 fez companhia aos *ianques* com impressões diárias. Segundo o pesquisador Pereira Junior, a entrevista ocorreu enquanto Bennett relatava a morte de Helen Jewett, uma prostituta local. Ele entrevistou Rosina Townsend, dona do bordel onde o assassinato ocorreu.

### 2.1 A entrevista e suas diferentes áreas

Retornando um pouco mais no tempo, até Aristóteles, com quem, segundo Marcuschi (2008), tivemos a sistematização dos gêneros de discurso, a composição dos elementos para tal: “(a) aquele que fala; (b) aquilo sobre o que se fala e (c) aquele a quem se fala”, e tivemos, ainda, a caracterização de três tipos de ouvintes: “(i) o espectador que olha para o presente; (ii) a assembleia que olha para o futuro e (iii) o juiz que julga sobre o passado, associados a três gêneros de discurso retórico: discurso deliberativo, judiciário e demonstrativo”. (Marcuschi, 2008, p.148).

São muitas as tentativas de conceituação de entrevista que encontramos nas

---

<sup>2</sup> PEREIRA JUNIOR, Luiz Costa. A apuração da notícia: métodos de investigação na imprensa. Petrópolis: Vozes, 2006.

bibliografias. Tal dificuldade pode ser justificada por tratar-se de uma prática tão aberta, com possibilidades infinitas de ser realizada, com uma variedade de estilos e ainda da disponibilidade de ser empregada nos mais diversos contextos para atender às mais variadas formas de demandas de profissionais tão diferentes com públicos mais distintos ainda.

A entrevista, nas suas diferentes aplicações, é uma técnica de interação social, de interpretação informativa, quebrando assim isolamentos grupais, individuais, sociais; pode também servir à pluralização de vozes e à distribuição democrática da informação. Em todos estes ou outros usos das Ciências Humanas, constitui sempre um meio cujo fim é o inter-relacionamento humano (Medina, 2002, p. 8).

Caputo (2006, p. 21) traz um conceito diferente da entrevista: “é uma aproximação que o jornalista, o pesquisador (ou outro profissional) faz, em uma dada realidade, a partir de um determinado assunto e também a partir de seu próprio olhar, utilizando como instrumento perguntas dirigidas a um ou mais indivíduos”.

Como pode ser constatado, mesmo que seja relacionada de maneira constante com o jornalismo, os conceitos de entrevista abrangem mais áreas do conhecimento. É um instrumento rico, uma arte, “o que existe de melhor no jornalismo e na pesquisa” (Caputo, 2006, p. 21).

Na História Oral, há outra teoria que vai ao encontro da ideia de interligar áreas do conhecimento. Joëlle Rouchou (2003) aponta que no momento em que discutirmos o uso da entrevista no jornalismo e na História Oral, teremos de recorrer a teorias da Comunicação, da Psicologia, da Linguística e da Filosofia.

Recorre-se à metodologia da História Oral para ouvir as narrativas de vida dos entrevistados. Ouvir e conhecer as vivências, suas lutas e significados. Se a discussão teórica sobre rumos, metodologia e ética em História Oral parece estar longe de chegar ao fim, o trabalho de campo continua, e é um dos elementos mais fascinantes do projeto. Apesar da necessidade de um olhar crítico sobre os depoimentos, é inegável também o envolvimento com esses indivíduos. A História Oral – a História também - recorre a outras disciplinas, pede ajuda à Antropologia, enquadra os fatos e documentos dentro de um contexto que a Ciência Política pode ajudar a iluminar (Rouchou, 2003, p. 1).

Para endossar esses apontamentos, Portelli<sup>3</sup> (1997 *apud* Rouchou, 2003, p. 3) afirma que a relação entre o pesquisador e o jornalista necessita estar balizada “em princípios mínimos de civilidade”. O pesquisador propõe reflexões no campo da

<sup>3</sup> PORTELLI, A. Tentando aprender um pouquinho. Algumas reflexões sobre a Ética na História Oral in ANTONACCI M. A. e PERELMUTTER, D. Projeto História n°15, PUC SP, São Paulo, abril 1997. p 22.



ética acerca da conduta de um entrevistador. Rouchou (2003) aponta que essa discussão não está em nenhum manual de jornalismo e nas redações, e, além disso, não consta nas grades curriculares obrigatórias das faculdades de Comunicação. “Pensar essa relação é tarefa dos jornalistas” (Rouchou, 2003, p.3).

“(…)quando fazemos uma entrevista, invadimos a privacidade de outra pessoa e tomamos seu tempo. (...)meus colaboradores – os estudantes – me pediram: ‘Ensine-nos a fazer entrevistas’. (...) A única técnica que me ocorreu foi: ajam com educação. (...)A arte essencial do historiador oral é a arte de ouvir.” (Portelli, 1997 *apud* Rouchou, 2003, p. 3)

Explorando o campo da entrevista nas ciências sociais, a preocupação com o indivíduo a ser entrevistado e a preparação para a entrevista são pontos importantes. A investida deve ter um objetivo e a escolha da pessoa a ser questionada deve ser bem feita, de alguém com familiaridade com o assunto. Além de ter a certeza de que o entrevistado irá receber o entrevistador, deve haver a garantia de que a conversa ocorrerá em condições favoráveis que garantam a segurança da pessoa convidada (Lakatos, 1996).

Outros cuidados das Ciências Sociais são a atenção com as perguntas. Questões arbitrárias, ambíguas ou tendenciosas tendem a não ser muito aceitas. Diferente do jornalismo, que muitas vezes opta por ir direto ao ponto, para que obtenha-se uma narrativa natural, não é interessante usar de perguntas diretas, mas sim ir instigando a memória do entrevistado com perguntas sequenciais. (Bourdieu, 1999).

No campo da Psicologia, Morga Rodríguez (2012) traz um acréscimo no conceito de entrevista. Além de toda a preparação, importância do diálogo, ressaltar a interação humana, a presença de mais de um indivíduo, tem a comunicação não-verbal, através dos gestos, tonalidade de voz e expressões.

Uma forma de encontro, comunicação e interação humana de caráter interpessoal e intergrupar (isto é, duas ou mais pessoas), que se estabelece com a finalidade, muitas vezes implícita, de trocar experiências e informações através do diálogo, da expressão de pontos de vista baseados na experiência, raciocínio e abordagem das perguntas. Têm objetivos conhecidos, ao menos pelo entrevistador, que tem o controle da situação. Implica na manifestação de toda a gama de canais de comunicação humanos: verbal (oral), auditivo, cinestésico, tátil, olfativo, no verbal (gestual e postural) e paralinguístico (tom, volume, intensidade e silêncio).” (Morga Rodríguez, 2012)

Outra área que usa da entrevista para seus objetivos é a Ciência Política.

Para este segmento, compreende-se a entrevista como feita para entender a perspectiva do outro, através do diálogo, e iniciando de um pressuposto de que o entendimento do indivíduo entrevistado é significativo o suficiente para ser conhecido por pessoas além daquela conversa (Patton, 2002).

As entrevistas, baseando-se em Legard (et al., 2003) e Gaskell (2003), têm duas características a se observar. Como abordado em outros conceitos, a interação entre entrevistador e entrevistado é natural do ser humano, tendo assim a “entrevista semiestruturada”. Outro método utilizado nas entrevistas é quando o entrevistador necessita de um aprofundamento das respostas dadas a partir de *follow up questions*, ou seja, perguntas que incitem o entrevistado, como “poderia me dizer algo mais sobre isso?”.

Atendo-se à área de Recursos Humanos, que, conforme Siqueira (2013), tem como base os valores e a missão de uma organização, voltando-se a um olhar personalizado e particular, a entrevista pode ser um fator que contribui para resultar em um crescimento empresarial e profissional, trazendo às empresas um entendimento mais amplo acerca de seus ambientes e funcionários.

Siqueira (2013) reforça ainda que a entrevista nos Recursos Humanos auxilia não apenas no momento da contratação, mas também no desenvolvimento e integração dos profissionais. Uma boa entrevista, segundo o pesquisador, identifica, além de profissionais competentes e talentosos, como inseri-los nas organizações da melhor maneira possível.

Um outro fator pelo qual a entrevista bem realizada está tornando-se importante nos Recursos Humanos vem ao encontro da rotatividade de funcionários. Denominada *turnover*, o “entra e sai” de colaboradores torna-se facilmente uma situação exaustiva para a empresa. A rotatividade tem chance de ser menor se a entrevista inicial for realizada de maneira mais aprofundada e assertiva, dando ênfase não apenas às habilidades profissionais, mas à conduta pessoal do admitido (Chiavenato, 2014).

As entrevistas são uma forma distinta de encontro social. Elas diferem da conversa corriqueira e do processo mais coercitivo de interrogação, à custa do quadro institucional em que ocorram e dos protocolos ou diretrizes específicos que estruturam. As entrevistas ocorrem num campo de trabalho antropológico ou sociológico; tomam o nome de “anamnese” na medicina e no serviço social; na psicanálise, tomam a forma de sessão terapêutica; em direito, a entrevista torna-se o processo prévio de “colher meios de prova” e, durante julgamentos, o testemunho; na televisão, forma a espinha dorsal dos programas de entrevista; no jornalismo, assume tanto a forma de entrevista como coletiva para imprensa; e na educação, aparece como diálogo socrático. Michel Foucault argumenta que todas

essas formas incluem formas regulamentadas de troca, com uma distribuição desigual de poder entre cliente e profissional da instituição, com raízes na tradição religiosa da confissão. Os cineastas usam a entrevista para juntar relatos diferentes numa única história. A voz do cineasta emerge da tecedura das vozes participantes e do material que trazem para sustentar o que dizem (Nichols, 2007, p. 160).

## 2.2 A ética como base para uma boa entrevista

O tópico anterior apresentou diferentes vertentes para a entrevista, afirmando a sua importância nas mais diversas áreas, desde os Recursos Humanos, que envolvem mais pessoas, organizações e desdobramentos diretos no dia a dia, à Psicologia, que trata mais intimamente a relação entre o entrevistador e o entrevistado, até áreas como a Ciência Política, que trata da sociedade em geral, com a condução da entrevista levando a respostas que visam criar teorias para um bem comum e não apenas daquele entrevistado em questão.

Ao tratar-se de entrevista jornalística, especificamente, temos diversos “manuais”, listas e publicações anos afora com o que seria o ideal para uma entrevista. Alguns itens encontram-se e conversam com os de outras áreas, entretanto, o jornalismo tem as suas particularidades e técnicas que são essenciais para o trabalho ser bem realizado.

Assim como a extensa lista de manuais e dicas de entrevistas, a ética no jornalismo também é um tópico muito discutido. A etimologia da palavra tem origem no grego, da palavra *Ethos*, que significa “modo de ser”. Conceituando a ética, ela pode ser denominada como um “conjunto de valores que orientam o comportamento do homem em relação aos outros homens na sociedade” (Meier, 2007, p. 236).

Tratando-se de Comunicação, segundo Thomaß (2004, p. 405), a ética ocupa-se com os princípios das boas práticas jornalísticas e suas razões. Para Scholl<sup>4</sup> (2010, p. 79, *apud* Camazatta, 2015), a ética define-se como teoria da reflexão, instância moral ou explicada como as práticas normativas aceitas do dever. Ward<sup>5</sup> (2009, p. 296 *apud* Camazatta, 2015) trata a ética jornalística como uma ética de mídia aplicada, que analisa a questão em uma micro e macro perspectiva.

Porém, antes de abordar as técnicas, é importante lembrar do Código de Ética dos Jornalistas Brasileiros, o qual reforça que “a produção e a divulgação da informação devem se pautar pela veracidade dos fatos e ter por finalidade o interesse público” e que “o compromisso fundamental do jornalista é com a verdade

<sup>4</sup> SCHOLL, A. **Systemtheorie**. In: SCHICHA, C.; BROSDA, C. (Eds.). . Handbuch Medienethik. 1. Aufl ed. Wiesbaden: VS Verlag für Sozialwissenschaften, 2010. p. 68–81.

<sup>5</sup> WARD, S. J. . **Journalism Ethics**. In: WAHL-JORGENSEN, K.; HANITZSCH, T. (Eds.). . The handbook of journalism studies. International Communication Association handbook series. New York: Routledge, 2009. p. 295-309.

no relato dos fatos, razão pela qual ele deve pautar seu trabalho pela precisa apuração e pela sua correta divulgação”.

O Código de Ética dos Jornalistas Brasileiros traz que “a opinião manifestada em meios de informação deve ser exercida com responsabilidade” (FENAJ, 2007, art. 10). O contrário deste artigo, assim como qualquer distorção ou publicação que falte com a verdade, pode ser considerada como *imprensa marrom*, termo que, segundo Angrimani (1994, p. 22), é “uma apropriação do termo francês para procedimento não muito confiável”.

O senso de “marrom” como coisa ilegal, clandestina, aparece no início do século XIX na França. Segundo o Dictionnaire des Expressions et Locution Roberts, a origem possível do termo marrom teria sido uma apropriação do adjetivo cimarron, que se aplicava na metade do século XVII aos escravos fugidos ou em situação ilegal. De acordo com a Enciclopédia Larousse, trata-se de um adjetivo aplicado a pessoas que exercem uma profissão em condição irregular, “médecin marron”, “avocat marron”. A expressão “imprensa marrom” ainda é amplamente utilizada quando se deseja lançar suspeita sobre a credibilidade de uma publicação. (ANGRIMANI, 1994, p.22)

O Código de Ética elenca diversas outras obrigações do jornalista que são essenciais para a condução de uma boa entrevista e mais precisamente pensando no bem-estar das fontes que se dispõem a falar com os profissionais. Dentre elas, “não colocar em risco a integridade das fontes e dos profissionais com quem trabalha”, “respeitar o direito à intimidade, à privacidade, à honra e à imagem do cidadão”, “defender os direitos do cidadão, contribuindo para a promoção das garantias individuais e coletivas” e “combater a prática de perseguição ou discriminação por motivos sociais, econômicos, políticos, religiosos, de gênero, raciais, de orientação sexual, condição física ou mental, ou de qualquer outra natureza” (FENAJ, 2007, art. 6).

Por isso, é a boa conduta do profissional que pode guiar uma entrevista para o bem ou para o mal. Meier<sup>6</sup> (2007, p. 238 *apud* Camazatta, 2015) frisa que a ética individual tem uma tradição longínqua e reforça a importância da responsabilidade de cada jornalista. Entretanto, além da importância significativa da responsabilidade individual ser um tópico relevante, a mesma é relativizada diante da complexidade atual das estruturas dos veículos, agências e empresas diversas no ramo da Comunicação (Thomaß<sup>7</sup>, 2004, p. 409 *apud* CAMAZATTA, 2015).

<sup>6</sup> MEIER, K. Journalistik. Konstanz; Konstanz: UTB, 2007.

<sup>7</sup> THOMAß, B. Von Aristoteles zu Habermas. Theorien zur Ethik des Journalismus. In: LÖFFELHOLZ, M. (Ed.). . Theorien des Journalismus: ein diskursives Handbuch : [Lehrbuch]. Wiesbaden: VS, Verl. für Sozialwissenschaft, 2004. p. 405-417.

Dentro dessas normas de boa conduta, guiar a entrevista seguindo as diretrizes do Código de Ética é dever do jornalista, que, em hipótese alguma, não pode “impedir a manifestação de opiniões divergentes ou o livre debate de ideias” ou “expor pessoas ameaçadas, exploradas ou sob risco de vida” e tem o dever de “tratar com respeito todas as pessoas mencionadas nas informações que divulgar”, (FENAJ, 2007, art. 7, 12).

### **2.3 Técnicas de entrevista**

Entrevistar bem é uma arte. O jornalista que consegue envolver a sua fonte e extrair dela exatamente aquilo que quer, sem tornar-se exaustivo ou inconveniente, deve ser valorizado e incentivado. É importante adaptar a abordagem de entrevista com base na personalidade, vivências, estilo e preferências do nosso entrevistado. Esta atenção a pequenos detalhes pode criar um ambiente mais confortável e propício para uma conversa aberta e produtiva, proporcionando um conteúdo mais rico (Grobel, 2004).

Oyama (2019) traz que, além da adaptabilidade, é preciso ter a capacidade do imprevisto, adaptando-se às situações que podem ocorrer durante a entrevista, ajustando o roteiro prévio na medida que for necessário, visando a condução da entrevista de maneira correta e de forma construtiva.

É necessário ter consciência da importância de demonstrar empatia e sensibilidade para entender o ponto de vista e as emoções do entrevistado, além de atentar-se a aspectos éticos como o respeito à privacidade, consentimento informado e tratamento responsável das informações obtidas durante a conversa (Oyama, 2019).

Seguindo esta mesma linha de pensamento, Grobel (2004) destaca a atenção de estabelecer uma conexão emocional com o entrevistado. Conversando com a ideia de Oyama (2019), que afirma ser necessário ter empatia com o entrevistado, o entrevistador pode incentivar o entrevistado a abrir-se mais e compartilhar informações significativas.

Porém, Grobel (2004) reforça que é necessário compreender o entrevistado, enfatizando a necessidade de respeitar os limites e a privacidade da fonte. A ética na condução da entrevista é vital, garantindo que as informações compartilhadas sejam utilizadas de maneira fidedigna e responsável.

Figura 1: Jô Soares entrevista Roberto Carlos



Fonte: Extraído de Jô e Roberto Carlos, 2023 (8min21s).

Amaral (1978) elencou as entrevistas em dois tipos: as de informação/opinião e as de perfil. O primeiro caso, para Amaral, ocorre ao entrevistarmos alguma pessoa considerada uma autoridade, um especialista ou até um líder de algum determinado movimento. Já a segunda hipótese, discorre para algo mais íntimo. Além de saber sobre o que a pessoa tem a dizer, suas opiniões e crenças, esse tipo de conversa com uma personalidade tem o intuito de revelar como vive essa pessoa, quais são suas características além daquelas que vemos no exterior, do exercício do cargo.

De acordo com Amaral (1978), o consumidor da informação tem interesse nas duas modalidades de entrevistas, nas quais o jornalista (entrevistador) terá a responsabilidade de ser o intermediário entre a personalidade e o leitor, tendo o cuidado, pautado pelo Código de Ética dos Jornalistas, de que “a produção e a divulgação da informação devem se pautar pela veracidade dos fatos e ter por finalidade o interesse público” (FENAJ, 2007, art. 2).

Seja em qual das modalidades for, Grobel (2004) recomenda o uso de perguntas abertas, as quais não podem ser respondidas apenas com um singelo sim ou não. Tais questões compulsoriamente estimulam os entrevistados a formularem respostas mais detalhadas e reflexivas, ou ainda, segundo Oyama (2019), a compartilharem *insights*, que podem ser importantes para o andamento da entrevista e contribuírem para a técnica do improviso, citada anteriormente.

Caso ainda não tenha chegado ao objetivo, Grobel (2004) também recomenda as *probing questions*, que são perguntas de sondagem, as quais têm o objetivo de obter mais informações sobre os tópicos conversados até o momento.

Tanto nas perguntas abertas como nas *probing questions*, Grobel (2004) destaca a necessidade de ter-se uma escuta ativa, que nada mais é do que a habilidade de ouvir ativamente o que o entrevistado está dizendo (parece óbvio, mas é importante reforçar). Grobel pondera que além de ouvir atentamente às respostas do entrevistado, é preciso fazer perguntas de acompanhamento, que nitidamente demonstram um interesse genuíno no que está sendo discutido.

Quando falamos de histórias de vida, “antes de mais nada, é preciso conquistar a simpatia do entrevistado” (Campos, 2009, p. 11). Nos dias atuais, com a proliferação das redes sociais<sup>8</sup> e da participação ativa dos consumidores de informação emitindo sua opinião, é necessária uma comunicação eficaz, ajudando a estabelecer uma relação de confiança com o entrevistado, facilitando a obtenção de informações precisas e, por consequência, um conteúdo que abranja com a maior fidelidade possível as informações sobre a vida da fonte (Grobel, 2004).

A questão da confiança é trazida por Campos (2009, p. 14) como um ponto principal para uma boa entrevista. O autor lembra que “cada caso é um caso e que não há receita pronta”. Campos reforça que “é importante preferir o contato pessoal que a entrevista à distância”, para assim estar cada vez mais próximo do entrevistado.

Campos (2009, p. 13) acredita que depois de conquistar a simpatia da fonte, é necessário, na medida do possível, passar a conviver com ela em seu próprio ambiente. “Não basta prestar atenção, é preciso ‘entrar’ na história, pensar junto com o entrevistado”. Essas técnicas proporcionam ao jornalista, segundo Campos (2009), ferramentas como suporte à produção do texto de qualidade.

## 2.4 Expertise do entrevistador

Por mais que tenham inúmeras bibliografias falando de técnicas e dicas para boas entrevistas, ter um bom profissional atrás do microfone, do gravador ou do bloco de notas, faz toda a diferença. Uma entrevista malfeita ou uma publicação errada pode causar prejuízos irrefutáveis tanto para o entrevistador como para o entrevistado.

Por isso a importância da autenticidade em uma entrevista, é a autenticidade. O entrevistador tem que estar certo do que for publicar, pois as declarações atribuídas ao

---

<sup>8</sup> O Brasil tem 152,4 milhões de usuários ativos nas redes sociais, chegando a 70,6% da população. <https://globalad.com.br/blog/digital-brazil-2023/#:~:text=181%2C8%20milh%C3%B5es%20de%20pessoas,70%2C6%25%20da%20popula%C3%A7%C3%A3o>. Acesso em 07 nov. 2023

entrevistado precisam ser facilmente provadas em caso de contestação ou tentativa de esquiva por parte da fonte (Bahia, 1990).

A única característica em comum entre todo entrevistador é que todos fazem a mesma coisa: perguntas, nos diz Tramontina (1996). A expertise do entrevistador é que o coloca ou retira-o da prateleira dos melhores.

“Cada um desenvolve um estilo próprio (...) e usa de variadas estratégias para conseguir boas respostas. Afinal, não há boa entrevista sem um bom entrevistador. A estratégia mais produtiva é aquela baseada na informação: jamais um entrevistado experiente conseguirá fugir das perguntas ou esconder os fatos se diante dele estiver sentado um entrevistador cheio de informações” (TRAMONTINA, 1996, p. 15).

Figura 2: Carlos Tramontina



Fonte: Extraído de Boris Casoy, 2023 (1min23s)..

Altman (1995, p. 15) diz que “a entrevista é a essência do jornalismo”. E por ter toda essa importância, uma conversa com um jornalista pode elevar pessoas a status que elas nunca imaginariam alcançar. “A entrevista transforma o cidadão comum em líder, dono da palavra, professor, uma pessoa incomum”.

Gorbel (2004) e Oyama (2019) reforçam a importância de formular bem os questionamentos que serão feitos, porque, segundo Altman (1995, p. 21), “perguntas frouxas e equivocadas pressupõem respostas do mesmo teor”. Altman (1995) frisa que a inteligência das questões e a descoberta da maneira correta de entrar nos assuntos podem transformar conversas aparentemente inócuas em grandes depoimentos. Tramontina (1996, p. 21) lembra que “constrangimentos entre quem pergunta e quem responde fazem parte da atividade da imprensa”, apontando que por vezes pode-se ser mais instigante na formulação das perguntas.



### 3 A ENTREVISTA E SUAS APLICAÇÕES

A entrevista, método eficaz de se conseguir informação, como citado no capítulo anterior, pode ser empregada em diversas áreas e têm olhares e técnicas muito particulares para cada situação. Como foi demonstrado, até no próprio jornalismo há diferenciações de abordagens que podem facilitar a empatia com o entrevistado e o aumento da confiança, fazendo assim, com que o caminho para uma boa reportagem seja traçado de maneira mais eficaz.

E assim como as técnicas possuem manuais e listas incontáveis, que variam de autor para autor, o tópico “tipos de entrevistas” passa pela mesma situação. Neste capítulo, além de elencar as diferenciações, pode-se criar uma base sólida para a análise, compreendendo as particularidades de cada tipo de entrevista nos gêneros jornalísticos distintos.

Mais adiante, será possível conseguir passar pelos diferentes formatos de programas com entrevistas, focando nas atrações existentes na televisão, e como empregam-se nos diferentes estilos de entrevistadores que estão espalhados pelo Brasil e pelo mundo.

#### 3.1 Tipos de entrevistas

Antes de adentrar nos gêneros jornalísticos, é importante falar sobre os tipos de entrevistas que podem ser escolhidos pelos jornalistas. Entender as particularidades de cada tipo e preparar-se corretamente para o momento da entrevista são etapas imprescindíveis para obter um resultado satisfatório. O jornalista precisa levar em consideração não só as perguntas, mas também as prováveis respostas (Felix, 2018).

Nos séculos passados, houve quem fosse contrário a este método de adotar entrevistas no jornalismo. O *Pall Mall Gazette*, jornal baseado em Londres, no ano de 1886, teria classificado a entrevista como “degradante para o jornalista que a fazia, odiosa do ponto de vista do entrevistado e cansativa para o público” (Erbolato, 1984, p.138).

Na história do jornalismo estadunidense, a entrevista levou mais de cem anos para ser aceita como prática jornalística, a partir de 1860, de acordo com Schudson (1996), que complementa, apontando que antes desta data, a imprensa, ao invés das entrevistas, dava espaço a textos opinativos, além de cartas e textos humorísticos.

Essa realidade começou a mudar, de acordo com Cascais (2001), na metade final do século XX. Segundo um estudo realizado nos anos 1980, com jornalistas de

diversos veículos de Washington, Estados Unidos, constatou-se que três quartos dos repórteres da época utilizavam apenas do conteúdo das suas entrevistas para fazer as matérias, ignorando dados de documentos.

Schudson (1996, p. 72) determina que a entrevista é “a ação fundamental do jornalismo contemporâneo, pois os jornalistas baseiam-se prioritariamente nelas”. Já Chaparro (1998) vai mais além e afirma que “todo o fluxo de atividades de um jornal é gerado por entrevistas”, colocando a prática como a principal do dia a dia do veículo.

De acordo com Felix (2018), além da elaboração do conteúdo e do conhecimento dos dados sobre o tema e/ou o entrevistado e seus prováveis desdobramentos, é necessário pensar na sua credibilidade e do veículo, caso esteja representando algum.

Para Lage (2001), a palavra entrevista possui mais de um significado. Tal ambiguidade, segundo Lage (2001, p. 33), se dá porque além de entrevista ser “qualquer procedimento de apuração junto a uma fonte capaz do diálogo”, também pode-se dizer que é “uma conversa de duração variável com personagem notável ou portador de conhecimentos ou informações de interesse para o público”.

Além destas duas sentenças, Lage (2001, p. 33) ainda afirma que a entrevista pode ser “a matéria publicada com as informações colhidas” durante a conversa citada anteriormente. Pode-se afirmar que a entrevista faz parte da nossa rotina do dia a dia e deve-se estar atento aos seus resultados.

Uma entrevista pode impulsionar ou detonar uma matéria. A forma de entrevistar é uma questão complicada para repórteres de ciência, que precisam lidar com pesquisadores altamente especializados e que estão mais acostumados a dar aulas e escrever para seus pares do que a se comunicar com o grande público. (Scott<sup>9</sup>, s/d apud Moreira, 2019)

Lage (2001) classifica as entrevistas a partir de diversos pontos de vista. Tal classificação vem de acordo com Bonini<sup>10</sup> (2000, *apud* Pereira, 2017), quando ele aponta as dificuldades tanto de definir como classificar a entrevista, ressaltando que os acadêmicos têm o hábito de misturar os debates quanto a questão social da entrevista, conceituada por Gaskell e Bauer (2003), com discussões sobre métodos de interação com o entrevistado, apresentações gráficas além da questão tecnológica utilizada na entrevista.

<sup>9</sup> SCOTT, C. (s/d). A entrevista. Disponível em: [http://www.wfsj.org/course/pt/pdf/mod\\_3.pdf](http://www.wfsj.org/course/pt/pdf/mod_3.pdf). [Consultado em 04/07/2015].

<sup>10</sup> BONINI, Adair. Entrevista por e-mail: pragmática de um gênero (des)conhecido ou problemas comunicativos na variação do gênero. Revista de Letras, Vol. 1, n. 22, p. 5-13, 2000. Disponível em: <http://www.periodicos.ufc.br/index.php/revletras/article/view/2167/1639>. Acesso em 3 fev. 2017.

A partir dos objetivos, segundo Lage (2001), as entrevistas podem ser:

### 3.1.1 Rituais

O autor coloca a ritual como sendo um tipo de entrevista que, geralmente, é muito breve. Lage (2001, p. 33) afirma que “o ponto de interesse está mais centrado na exposição (da voz, da figura) do entrevistado do que no que ele tem a dizer”. Segundo Lage (2001, p. 33), as declarações “ou são irrelevantes, ou esperadas, ou ainda mera formalidade a que, por algum motivo, se atribui dimensão simbólica”.

As entrevistas de jogadores de futebol no intervalo das partidas ou dos treinadores logo após o fim da partida, ainda no campo, ou também de visitantes ilustres, logo após sua chegada, na maioria das vezes, possuem essa característica. Sobre os jogadores de futebol, especificamente, Roque e De Oliveira (2018, p. 8) afirmam que “o discurso apresentado pelos jogadores de futebol é carregado de efeitos retóricos”.

Lage (2001, p. 33) reforça que o mundo oficial das entrevistas no dia a dia “é rico em situações rituais”, nas quais interessam mais o ambiente, o clima e as atitudes do que o conteúdo propriamente dito. A busca por desvios de protocolo e algo além das falas diplomáticas, já esperadas, geralmente é frustrada, pois os entrevistados mantêm um padrão de declarações.

Figura 3: Tiquinho Soares



Fonte: É o TIme do Povo, 2023.

### 3.1.2 Temáticas

As entrevistas temáticas para Lage (2001) são aquelas que abordam um tema sobre o qual é previsto que o escolhido para dar a entrevista tenha plenas condições, informações e autoridade para tratar da pauta.

Pode-se utilizar essas entrevistas para a exposição de versões ou interpretações acerca de acontecimentos, assim como também são realizadas no intuito de prestar esclarecimentos sobre um problema ou ainda em tom explicativo, trazendo pontos relevantes para a formação da opinião pública. (Lage, 2001).

Figura 4: Entrevista na RBS TV



Fonte: Extraído de Obras no Parque Harmonia, 2023 (3min11s).

### 3.1.3 Testemunhais

Esse tipo de entrevista, de acordo com Lage (2001), traz uma versão do entrevistado sobre um fato no qual ele tenha participado diretamente ou apenas assistido. A entrevista acontece na tentativa de obter uma reconstituição acerca do acontecido, método, no qual, a pessoa entrevistada acrescenta a sua percepção ao relato.

Usualmente, esse tipo de declaração é mais utilizada em programas que relatam crimes e tragédias, mas não está limitada a estes, podendo ser colocada nas mais diversas esferas jornalísticas, pois inclui desde informações a impressões subjetivas.

### 3.1.4 Em profundidade

Para Lage (2001, p. 34), o objetivo da entrevista, nesse caso, não é uma temática em específico ou um acontecimento em particular, mas sim, a figura do entrevistado, os seus adeptos, “a representação de mundo que ele constrói, uma atividade que desenvolve ou um viés de sua maneira de ser, geralmente relacionada com outros aspectos de sua vida”. A ideia, nesse estilo, é desenvolver uma história sobre o personagem partindo das suas próprias impressões e seus depoimentos.

Estilo mais presente nas revistas dos mais diversos gêneros, como a *Piauí*, e em pesquisas, a entrevista em profundidade, segundo aponta Duarte (2005), é um recurso metodológico que tem por objetivo, através da interpretação de teorias e finalidades previamente estabelecidas pelo entrevistador, colher resultados oriundos das experiências subjetivas do entrevistado.

Seilitz (et al., 1987) aponta que a entrevista em profundidade geralmente é individual, porém, reforça que é possível realizar a entrevista com duas fontes juntas. Medina (1995) e Talese (2004) explicam que esse tipo de entrevista é muito eficaz no objetivo de buscar informações pessoais e diretas, tendo como base um princípio de conversa roteirizada, com a figura de uma pessoa (no caso, o entrevistador) profundamente interessada no que a outra (o entrevistado) tem a compartilhar sobre o tema.

Figura 5: Adriano Imperador entrevistado no Fantástico



Fonte: Extraído de Adriano da entrevista, 2010 (3min13s).

Lage (2001) ainda determina outras classificações para as entrevistas.

Levando em conta as circunstâncias de realização, o autor classifica como:

### 3.1.5 Ocasionais

Lage (2001) conceitua como as entrevistas não programadas, seja pelo encontro casual entre entrevistador e entrevistado ou pelo fato de não terem sido agendadas previamente. De acordo com Lage (2001, p. 34), o resultado dessas casualidade “é eventualmente interessante” porque leva o entrevistado a dar respostas mais sinceras, uma vez que está conversando sem ter se preparado e menos cauteloso do que estaria caso estivesse esperando a conversa.

Entretanto, para obter esses resultados inesperados, Fávero e Andrade<sup>11</sup> (1998 p. 170, *apud* Pereira, 2017, p. 4) afirmam que “o entrevistador deve ser ágil e perspicaz para que a entrevista transcorra de modo a conseguir efeitos positivos. Não pode-se esquecer que ele precisa captar a indagação do telespectador, já que este é o elemento fundamental para que se leve a entrevista ao ar”.

Ainda assim, Lage (2001, p. 34) recorda que pessoas acostumadas à abordagens não programadas para entrevistas desse tipo, como políticos, artistas e grandes executivos, aproveitam as oportunidades para fazer declarações de seu interesse ou “maliciosas, muito bem planejadas e que poderão desmentir ou corrigir posteriormente, alegando que foram pegos de surpresa ou mal interpretados”.

### 3.1.6 Confrontos

São entrevistas, segundo Lage (2001, p. 34), nas quais o entrevistador assume o papel de acusador, instigando, “apertando” o entrevistado com veemência, contra-argumentando e, por vezes, discutindo. “O repórter atua, então, como promotor em um julgamento informal”.

A ideia desse tipo de tática, conforme Lage (2001, p. 34), é “ouvir o outro lado sem lhe dar, na verdade, condições razoáveis de expor seus pontos de vista”. Essa técnica pode ser perigosa, uma vez que o entrevistado tenha a expertise de entrar no debate e transformar a entrevista em uma situação constrangedora.

Para Alexandre Garcia (*apud* Campos, 2002<sup>12</sup>), “a pergunta embaraçosa pode ter duas consequências: desmontar o entrevistado a ponto de ele contar tudo o que

---

<sup>11</sup> FÁVERO, Leonor Lopes; ANDRADE, Maria Lúcia da Cunha Victório de Oliveira. Os processos de representação das imagens públicas nas entrevistas. In: PRETI, Estudos em Jornalismo e Mídia, Vol. 14 Nº 2. Julho a Dezembro de 2017 - ISSN 1984-6924 DOI: <http://dx.doi.org/10.5007/1984-6924.2017v14n2p139148>. Dino (Org.). Fala e escrita em Questão, Volume 3. São Paulo: Humanitas, 1998, p. 153-177.

<sup>12</sup> <https://www.observatoriodaimprensa.com.br/primeiras-edicoes/tcnicas-de-entrevista/> - acesso em 11 out. 2023

sabe, ou irritá-lo a ponto de passar a responder tudo com monossílabos". Garcia aponta alerta que estudar bem o entrevistado é essencial para entrar nesse tipo de embate, principalmente ao tratar-se de pessoas públicas, como políticos.

Figura 6: Orestes Quércia no Roda Viva



Fonte: Extraído de Roda Viva, 2017 (22min25s).

### 3.1.7 Coletivas

Tipo muito comum de entrevistas no mundo do esporte ou de grandes eventos, essa modalidade resulta no entrevistado sendo submetido, conforme Lage (2001), a perguntas de vários repórteres, sejam eles representando veículos ou de forma independente, em ambiente que pode ser tanto de maior quanto de menor formalidade.

Autoridades e especialistas, situados em um centro de decisões, costumam dar entrevistas coletivas periodicamente para fazer uma espécie de prestação de contas das suas atividades, como vimos muito os responsáveis pela saúde do Brasil e do mundo fazerem durante a pandemia de Covid-19 ou como vemos semanalmente com os treinadores de futebol.

Um dos problemas da entrevista coletiva, de acordo com Lage (2001), é o bloqueio do diálogo, pois para todos terem a chance de participar, apenas uma ou duas perguntas são realizadas por cada repórter presente (quando possível). As assessorias de imprensa (ou, por vezes, o próprio entrevistado) comandam a dinâmica e o tempo do encontro, não permitindo com que um furo jornalístico ou algo que esteja fora do *script* da equipe do entrevistado seja resultado da conversa com os entrevistadores.

Figura 7: Entrevista coletiva de João Dória Jr.



Fonte: Flickr, 2019.

### 3.1.8 Dialogais

Para Lage (2001, p. 35), “são as entrevistas por excelência”, aquelas que são marcadas antecipadamente, com contato prévio, escolha pré-determinada de ambiente, com ambos construindo o tom da conversa, permitindo o aprofundamento da entrevista, sem obrigatoriedade de ater-se exclusivamente à pauta.

Sodré e Ferrari (1986) apontam a importância dos perfis como um desses formatos, porque se deve concentrar no entrevistado, pois “o focalizado é protagonista da história: sua própria vida”. Grandes entrevistadores, como Oprah Winfrey, são especialistas neste tipo de entrevista.



Figura 8: Oprah Winfrey entrevista Michael Jackson



Fonte: Aventuras Na História, 2021.

### 3.2 Jornalismo de Televisão

Segundo o descrito por Bourdieu (1997), a televisão possui relação com alguns pontos da sociedade como poder, cultura, consumo e identidade. Para Bourdieu (1997), “a televisão, como meio de comunicação de massa, exerce uma dominação simbólica sobre a sociedade”. Tal definição aponta que a televisão obtém a possibilidade de personalizar e influenciar tanto as percepções, como atitudes e ainda comportamentos das pessoas em geral.

A televisão possui um “capital cultural”, no qual inclui-se conhecimento, habilidades e educação. Esse capital, segundo Bourdieu, tem um papel fundamental na maneira como os telespectadores assistem e internalizam a programação para a qual são expostos. Complementando o pensamento, o conteúdo que as pessoas, no geral, preferem consumir na televisão, tem relação direta com esse capital cultural dos telespectadores (Bourdieu, 1997).

O poder da disseminação das entrevistas através da televisão vai ao encontro de mais uma teoria de Bourdieu (1997), que aponta o aparelho como um potencial transmissor de valores culturais dominantes e contribuinte fugaz da homogeneização cultural, a qual, muitas vezes, reproduz as estruturas de poder existentes.

Lotz (2007) ressalta que a importância da tecnologia na transformação da televisão, que afetou diretamente o conteúdo televisivo, a distribuição e o envolvimento do público. Bourdieu (1997) já destacava, dez anos antes, que os telespectadores “não são apenas receptores passivos de conteúdo televisivo, mas

também participam de práticas interpretativas ativas, influenciadas por seu capital cultural e social”.

Mesmo com a iminência da televisão interferir nas preferências das pessoas, Bourdieu (1997) argumenta que a mesma desempenha uma função relevante na representação da realidade, sendo importante na exposição de como as pessoas olham o mundo e as relações sociais à sua volta.

No quesito audiência, Lotz (2007) elege a tecnologia como fator principal para uma nova moldagem do consumo. Segundo a teórica, a distribuição elevada de novos canais, além do aprimoramento de plataformas *online*, como os serviços de *streaming*, tão populares hoje em dia no Brasil<sup>13</sup>, levou à fragmentação das audiências televisivas. Como as pessoas têm cada vez mais opções de programação e podem moldar o seu consumo à sua rotina de forma totalmente personalizada, a televisão com grade de horários definida e imutável teve que ser revista.

### 3.3 Gêneros televisivos: é possível elencá-los?

Citado por Soldi (2008), Machado (1999) fala que o emprego de gênero aos produtos televisivos é feito através de “elementos expressivos”, como “conteúdos verbais, figurativos, narrativos, temáticos, códigos televisivos”, enfatizando que há uma mudança, principalmente com a chegada da tecnologia, na formatação dos programas. Esta forma de trabalhar o conteúdo televisivo, Machado categoriza como gênero. Já o teórico russo Mikhail Bakhtin traz uma visão mais ampla do conceito, que foi interpretada por Machado (2000):

“*Gênero* é uma força aglutinadora e estabilizadora dentro de uma determinada linguagem, um certo modo de organizar as ideias, meios e recursos expressivos, suficientemente estratificado numa cultura, de modo a garantir a comunicabilidade dos produtos e a continuidade dessa forma junto às comunidades futuras. Num certo sentido, é o gênero que orienta todo o uso da linguagem no âmbito de um determinado meio, pois é nele que se manifestam as tendências expressivas mais estáveis e mais organizadas da evolução de um meio, acumuladas ao longo de várias gerações de enunciadores” (cf. Machado, 2000, p. 68).

Machado (1999), também citado por Soldi (2008), acredita que não é possível classificar todos os tipos de gêneros televisivos, os quais considera incalculáveis devido à gama de possibilidades de realização dos programas.

Ciro Marcondes Filho (2001) elencou os tipos de gêneros a seguir: telejornal, documentário, revista semanal; telenovelas, minisséries, longas-metragens; atrações

<sup>13</sup> <https://agemt.pucsp.br/noticias/brasil-e-o-2o-maior-consumidor-de-streaming-do-mundo>. Acesso em 20 set 2023

de humor; programas de entrevistas com auditório; programas esportivos (sejam mesas-redondas ou revistas informativas); musicais; e a publicidade na TV.

François Jost (2004) vai um pouco mais além nas categorizações. O estudioso não apenas dividiu em gêneros, mas também classificou em grupos os tipos de programas, criando três “gêneros englobantes”, que são o real, o fictício e o lúdico.

Os dois primeiros relacionam-se diretamente com duas ideias: a de realidade, no caso de telejornais, séries documentais, documentários, programas investigativos, por exemplo, ou com a ideia de ficção, no caso de novelas, minisséries, seriados, exemplificando.

Já o terceiro, acaba por não ter uma obrigação de “comprometimento” com quaisquer das outras ideias anteriores, sendo mais livres na sua concepção, tornando- os “híbridos”, como é o caso dos inúmeros *reality shows* e *game shows* presentes na televisão, que são criados a partir de diferentes formatos e de diferentes gêneros.

### 3.4 Formatos dos programas

A diferenciação entre gênero e formato é uma busca entre os pesquisadores. Souza (2004, p. 44) define o formato como “a forma e o tipo da produção de um gênero de programa de televisão”. Soldi (2008) complementa que um mesmo gênero pode englobar diversos formatos, como, por exemplo, o gênero telejornal, que pode atualizar-se com formatos diferentes, alterando elementos verbais, visuais e sonoros.

Holmes (2008), conforme as ideias de Graeme Turner no livro *The television genre book* (publicado em 2001), mais precisamente no capítulo *Genre, format and “live” television*, aponta a diferenciação entre a academia e o mercado da televisão sobre os dois conceitos, contextualizando a aplicação do gênero e do formato:

Ao contrário do gênero, o formato é amplamente utilizado na indústria da televisão... Os formatos podem ser originais e, portanto, protegidos por direitos autorais, franqueados e sob licença comercializados como uma propriedade comercial. Gêneros, por definição, não são originais. O formato é uma categoria de produção com limites relativamente rígidos que são difíceis de serem ultrapassados sem criar um novo formato. O gênero é elaborado com base na relação entre conteúdo e audiência. O gênero é a categoria mais abrangente e pode ser usado para descrever programas que usam vários formatos relacionados, como o game show (Turner *apud* Holmes, 2008, p. 17).

Tavares (2017, p. 61) amplia a ideia de formato de programa de televisão, apontando que é um conceito com mais expansão, o qual, diferente do gênero, não

engloba somente o esqueleto principal do programa, mas faz referência a um conjunto de elementos que vão desde informações técnicas, artísticas e econômicas até empresariais. “O formato de programas televisivos não é apenas a ideia do programa”.

### 3.4.1 Talk shows

Esta categoria de programas televisivos, os *talk shows*, trazem a sua essência na própria denominação: conversa e espetáculo. Contudo, conforme foram desenvolvendo-se, os *talk shows* passaram a abranger, no seu conteúdo, debate, crítica e informação; no seu formato: plateia, efeito de interatividade (tanto presencial como *online*), entrevista e a figura de um apresentador icônico, que por muitas vezes, nomeia o programa; na abordagem: conversa informal, superficialidade, humor e autorreferencialidade (Do Rosário, 2008).

De acordo com Silva *apud* Lery (2016), os *talk shows* para a televisão surgiram na década de 1950 nos canais dos Estados Unidos, com uma gama de conteúdos e abordagens, oriundos do rádio, onde já estavam consolidados.

Silva *apud* Lery (2016) categorizam os tipos de *talk shows* em três, a partir do padrão de produção e consumo adotados pela televisão estadunidense: os matutinos, mais próximos de uma levada jornalística, com um serviço de importantes informações da manhã; os *talk shows* vespertinos, com uma pauta mais leve, voltada a temas como comportamento, família, relacionamentos, além de programas de conflitos (do tipo *Casos de Família*); e os mais famosos, os *talk shows* noturnos, recheados de entrevistas com mais peso, entretenimento, apresentações musicas, doses mais ácidas de humor, monólogos dos apresentadores, entre outras características.

Conforme Silva (2009), os *talk shows* popularizaram-se no Brasil no final dos anos 1980, partindo da tradição de consumo dos telespectadores estadunidenses que colocaram como *talk shows* qualquer tipo de programa que utilizava a entrevista como base, com ou sem a presença de uma plateia, incluindo até o tradicional formato de programas de debate nesse conceito.

Örnebring *apud* Silva (2009) ressalta que, entre 1956 e 1968, os *talk shows* tinham o objetivo de instruir a população, por isso eram vistos como programas de “debate cortês”. Com o tempo, os programas foram modificando a sua estrutura, tornando-se uma “estratégia de interação” (Gomes *apud* Silva, 2009) e, por consequência, garantindo um aumento significativo na audiência das emissoras e “a formação de um segundo *prime time*” (Mateu *apud* Silva, 2009).

Figura 9: Jimmy Fallon homenageia Kobe Bryant



Fonte: Extraído de Jimmy Fallon, 2020 (1min10s).

Para ocorrer esta transformação no formato dos programas, os *talk shows* recorreram a elementos e características de outros dois tipos de atrações: do *stand-up comedy*, o qual é oriundo do teatro, com a presença indispensável de uma plateia e com um apresentador interagindo diretamente; e dos programas de auditório em geral, nos quais a plateia torna-se parte ativa do programa, por meio de aplausos, risos, vaias e até questionamentos aos convidados (Mateu and Örnebring *apud* Silva, 2009).

## 4 METODOLOGIA DE PESQUISA

Depois de resgatar tópicos sobre a teoria da entrevista, explorar diferentes profissões, particularidades e conceitos de cada área abordada, é o momento de, na prática, trazer diferentes tipos de entrevista existentes no jornalismo, sejam programas ou entrevistadores, para a análise.

A partir do estudo de diversos tipos de entrevista, este capítulo elenca programas de formatos distintos, dos mais diversos gêneros, para chegar ao objetivo de mostrar as diversas faces da entrevista e confirmar o seu papel na escala de importância em busca da informação mais confiável e íntima para o consumidor.

A análise comparativa das entrevistas dará-se a partir das características dos formatos. Um mesmo entrevistado pode ser revelador e sentir-se mais à vontade na bancada numerosa do *Pânico* do que diante da dupla que comanda o *PBS NewsHour*.

A discrepância entre alguns programas de entrevista analisados vem ao encontro da proposta, que é dissertar sobre como (e se) cada maneira é eficaz. A partir da apresentação de cada uma das atrações colocadas como estudo, é possível entender as suas características, história e peculiaridades, encorpando a estrutura e meios para análise dos determinados elementos.

Além dos dois programas citados acima, esta comparação ainda aborda o *Roda Viva*, com seu formato de entrevista em grupo, e o *Papo de Boleiro*, com uma abordagem mais íntima e individual.

Esta análise foi realizada estruturando diversos pontos que podem contribuir para o andamento de uma entrevista, como os entrevistadores, o cenário, a linguagem, a emissora, o público-alvo.

### 4.1 Apresentação dos programas analisados

#### 4.1.1 Roda Viva

Nesta seção, são apresentados os objetos que fazem parte desta análise comparativa. Como já mencionado anteriormente, estes programas e entrevistadores têm características distintas, o que os tornam valiosos para o andamento do trabalho em questão.

O primeiro a ser apresentado é um clássico da televisão brasileira, objeto de estudo em faculdades de Jornalismo Brasil afora, o *Roda Viva*, tradicional atração da TV Cultura. No ar há 37 anos, o programa é considerado um dos mais tradicionais e relevantes programas de entrevista da televisão brasileira. De acordo com o *site* da

TV Cultura, “é um espaço plural para a apresentação de ideias, conceitos e análises sobre temas de interesse da população, sob o ponto de vista de personalidades notórias”<sup>14</sup>.

Durante todos os anos em que está veiculado, ficou famoso também por apresentar, além da figura dos entrevistadores e da interpretação em libras, um cartunista registrando o programa de uma maneira diferente dos demais, com caricaturas dos entrevistados, da bancada do programa e sobre o tema.

Paulo Caruso foi o responsável pelas caricaturas da atração até o seu falecimento, nesse ano de 2023. Após a sua morte, antes de contratar um substituto em definitivo, o programa contou com diversos outros cartunistas em um sistema de rodízio, mantendo a tradição das caricaturas.

Figura 10: Charge no Roda Viva



Fonte: Extraído de Roda Viva, 2014 (6min42s).

Desde 2020 mediado por Vera Magalhães, o *Roda Viva* já teve outros apresentadores no comando durante a trajetória de sucesso. Foram eles: Rodolpho Gamberini (1986-1987), Augusto Nunes (1987-1989 e 2013-2018), Jorge Escosteguy (1989-1994), Rodolfo Konder (1990), Roseli Tardelli (1994), Heródoto Barbeiro (1994-1995 e 2009-2010), Matinas Suzuki Jr. (1995-1998), Paulo Markun (1998-2007), Lillian Witte Fibe (2008-2009), Carlos Eduardo Lins da Silva (2008), Marília Gabriela (2010-2011), Mario Sergio Conti (2011-2013), Ricardo Lessa

<sup>14</sup> <https://cultura.uol.com.br/programas/rodaviva/>. Acesso em 24 out. 2023

(2018-2019) e Daniela Lima (2019)<sup>15</sup>.

O surgimento de programas como o *Roda Viva* deu-se, especialmente, após a posse do General Ernesto Geisel como Presidente da República, na década de 1970, com a reunião de grupos de mídia que, “em meio às experiências de censura, censura prévia e da autocensura nas quais vivia a imprensa”, passaram a articular-se em temas voltados ao meios sociais e políticos, sendo este, na visão dos jornalistas da época, “o momento oportuno para reconfigurar o conteúdo jornalístico” (Botin, 2016).

De acordo com Botin (2016), o debate público ganhou espaço na televisão a partir dessa articulação e programas de entrevista, como o *Vox Populi* (1977), na TV Cultura; *Abertura* (1979), na TV Tupi; *Sem Censura* (1985), na TVE; *Canal Livre* (1973), na Rede Bandeirantes; alguns veiculados por décadas, como o último, que ainda figura na grade da *Band*, foram primordiais para a retomada da confiança do público na mídia.

No período de quase quarenta anos, o programa já recebeu diversos líderes políticos, presidentes, escritores, atletas, treinadores, sociólogos, filósofos, escritores, atores, músicos e pessoas notáveis nas mais diversas áreas, tanto no Brasil como no resto do mundo, não atendo-se apenas a convidados brasileiros. Em 2008, por exemplo, Jimmy Wales, fundador da Wikipedia, sentou-se na cadeira giratória do *Roda Viva* para ser entrevistado.

Uma das características mais notáveis e que, na época que começou a ser implantada, não era comum, é a rotatividade da bancada de entrevistadores. Desde o início, a cada edição, as pessoas são convidadas de acordo com suas áreas de atuação e conhecimento. Apenas quando se trata de Chefes de Estado em exercício que a entrevista não é realizada no tradicional estúdio, sendo feita na sede do governo em questão e sem a presença de inúmeros entrevistadores.

A partir de 2019, o programa começou a ser transmitido também no *YouTube* e, em maio de 2021, no *TikTok*. Houve, além da tradicional exibição, uma versão regional do *Roda Viva*, que foi veiculada pela TV Nova, no estado de Pernambuco, entre 2018 e 2019.

#### 4.1.2 PBS NewsHour

O próximo objeto a ser apresentado é situado nos Estados Unidos e tem o seu espaço na grade de programação estadunidense muito bem consolidado. O *PBS*

---

<sup>15</sup> [https://pt.wikipedia.org/wiki/Roda\\_Viva\\_\(programa\\_de\\_televis%C3%A3o\)](https://pt.wikipedia.org/wiki/Roda_Viva_(programa_de_televis%C3%A3o)) - Acesso em 24 out. 2023.



*NewsHour*<sup>16</sup>, veiculado na PBS, não começou como um, mas tornou-se um telejornal com o passar do tempo e adquiriu a marcante característica de, por vezes, confrontar dois entrevistados com pensamentos antagônicos, protagonizando um embate ao vivo, logo após mostrar uma reportagem sobre o assunto fruto do debate.

A primeira versão do que viria a tornar-se o *PBS NewsHour* surgiu ainda na década de 1970, mais precisamente em 1975. Os primeiros passos foram dados com a cobertura dos jornalistas Robert MacNeil e Jim Lehrer sobre as audiências do *Caso Watergate*<sup>17</sup> no Senado estadunidense, no ano de 1973.

Dois anos depois, em 1975, o *The Robert MacNeil Report*, programa semanal de trinta minutos de jornalismo aprofundado sobre uma temática, era lançado, com MacNeil ancorando de Nova Iorque e Lehrer entrando ao vivo de Washington como correspondente. A PBS adotou a ideia, renomeando a atração para *The MacNeil/Lehrer Report*, que passou a ser nacional.

Anos depois, em 1983, o programa mudou novamente de nome, se tornando o *The MacNeil/Lehrer NewsHour*, passando a ter uma hora de duração, sendo o único programa noturno de jornalismo nacional. MacNeil deixou a atração em 1995, que transformou-se em *The NewsHour with Jim Lehrer*, que no final de 2009 receberia o nome que tem hoje, *PBS NewsHour*, que ficou mais tecnológico, empregando o formato rotativo de âncoras, com integração das operações de notícias no ar e online.

Em 2013, o programa foi protagonista de um marco na televisão dos Estados Unidos, dois anos após a saída de Lehrer, que deixou o *PBS NewsHour* no ano de 2011. Gwen Ifill e Judy Woodruff, jornalistas que já faziam parte do rodízio de âncoras, foram promovidas à co-âncoras e editores-gerentes da atração, que resultou na primeira vez de uma equipe feminina ancorando uma transmissão de uma rede estadunidense. Seguindo com a expansão, ainda em 2013, o *PBS NewsHour* passou também a ser veiculado nos finais de semana, sob a alcunha de *PBS NewsHour Weekend*.

Em novembro de 2016, depois da morte de Gwen Ifill, Woodruff passou a ancorar sozinha o programa, até dezembro de 2022. Em 2023, os correspondentes Amna Nawaz e Geoff Bennett assumiram o comando do *NewsHour*, que é transmitido por mais de 300 estações da PBS, atingindo 98% dos lares estadunidenses, além de adotar legendas para deficientes auditivos.

---

<sup>16</sup> <https://www.pbs.org/newshour/about/history> - acesso em 25 out. 2023

<sup>17</sup> O Caso Watergate, que resultou na renúncia de Richard Nixon da presidência dos EUA, estourou em 1972, quando cinco homens foram presos ao tentar invadir a sede do Partido Democrata, visando plantar escutas telefônicas. <https://brasilecola.uol.com.br/historiag/escandalo-watergate.htm> - acesso em 25 out. 2023.

Figura 11: Debate no programa PBS NewsHour



Fonte: Extraído de PBS NewsHour, 2018 (16min41s).

#### 4.1.3 Pânico

Oriundo do rádio, com adaptações para a televisão e internet, o programa *Pânico*, atração consolidada da Rede Jovem Pan SAT no rádio, que, desde o ano passado, figura também na televisão, sendo um importante ator na escala de audiência<sup>18</sup> da TV Jovem Pan News, em comparação com outros concorrentes no segmento de notícias na TV por assinatura, como Globo News, CNN Brasil, Band News e Record News.

Comandado por Emílio Surita, o *Pânico* estreou na rádio em 1993, com um posicionamento bem distinto do apresentado hoje em dia. A atração estreou como um programa humorístico voltado ao público adolescente e foi acumulando críticas e polêmicas com o passar dos anos em que esteve no ar. Porém, na mesma medida, o programa também se tornou um sucesso de audiência desde o seu início, mantendo a atração no topo até os dias atuais.

Esta é a segunda vez que o *Pânico* ganha espaço na televisão. Na primeira aparição nas telinhas, ainda antes do formato atual, a atração foi exibida entre setembro de 2003 e março de 2012, pela RedeTV!, com o nome de *Pânico Na TV!*<sup>19</sup>. Em abril de 2012, Emílio e sua turma migraram para a Bandeirantes, com o programa passando a se chamar *Pânico Na Band*<sup>20</sup>, o qual esteve no ar até dezembro de 2017.

Ainda com a toada do início da carreira, a versão televisiva do *Pânico* era

<sup>18</sup><https://www.uai.com.br/app/entretenimento/series-e-tv/2023/04/18/not-series-e-tv,321843/panico-da-jovem-pan-news-dispara-na-audiencia-e-preocupa-globonews.shtml>, acesso em 25 out. 2023

<sup>19</sup> [https://pt.wikipedia.org/wiki/P%C3%A2nico\\_na\\_TV](https://pt.wikipedia.org/wiki/P%C3%A2nico_na_TV) acesso em 25 out. 2023

<sup>20</sup> [https://pt.wikipedia.org/wiki/P%C3%A2nico\\_na\\_Band](https://pt.wikipedia.org/wiki/P%C3%A2nico_na_Band) acesso em 25 out. 2023.

amada e odiada na mesma proporção por artistas, políticos e pelo público em geral. Dentre as polêmicas, confusões com os atores Pedro Caruso e Victor Fasano, com o cantor Netinho de Paula, algumas resultando em agressões, uma decisão judicial que impedia os integrantes do programa de aproximarem-se do apresentador Sílvio Santos, um processo movido pelo, na época, casal Luana Piovani e Dado Dolabella, até uma “maldição” lançada pelo Apóstolo Valdemiro Santiago, fundador da Igreja Mundial do Poder de Deus, visando a queda de audiência do programa, o qual ele caracterizou como uma “imundice”.

Ao mesmo tempo em que o programa da televisão acumulava polêmicas e processos, o programa do rádio, que tinha alguns integrantes exclusivos, assim como o da televisão, começou a mudar o seu roteiro, acrescentando temas voltados à política e economia, sem perder a levada humorística, mesmo tratando de temas mais sérios do que os habitualmente abordados.

Comentaristas, especialistas e cada vez mais políticos começaram a ser trazidos para o programa, que, em 2018, trouxe, por exemplo, todos os pré-candidatos à Presidência da República, inclusive Fernando Haddad (PT-SP), postulante que claramente diverge da linha editorial da emissora e do programa.

Nesta mesma época, a atração começou a ser transmitida no YouTube e aos poucos foi mudando a sua característica de estúdio. Com o lançamento do Panflix, plataforma online do Grupo Jovem Pan, os investimentos na estética do programa tornaram-se visíveis, assim como em 2022, quando estreou na TV Jovem Pan News.

O sucesso da rádio e aumento nos índices de audiência foram constatados após a inserção do conteúdo jornalístico. A Jovem Pan, que já figurava na primeira posição em São Paulo, começou a atingir grandes números também no YouTube, em todo o país. Um exemplo é a entrevista com o presidente e então candidato à reeleição Jair Bolsonaro (PL-RJ)<sup>21</sup>, que atingiu mais de 4,3 milhões de visualizações na plataforma.

Segundo a própria Jovem Pan<sup>22</sup>, o programa, que conta com “a trupe mais irreverente do Brasil, todos os dias, em áudio e vídeo com convidados em pânico”, é comandado desde o início por Emílio Surita e conta atualmente ainda com o co-apresentador e integrante da bancada desde 2007, Daniel Zukerman, o economista Sany Dana, chegado em 2019, e os humoristas Rogério Morgado e André Alba, desde 2017 e 2019, respectivamente, além do recém-chegado Flávio Fuzil, que desde 2023 fecha o trio de comediantes na bancada.

---

<sup>21</sup><https://f5.folha.uol.com.br/televisao/2023/07/com-bolsonaro-apos-condenacao-panico-da-recorde-a-jovem-pan-e-vence-globonews.shtml> acesso em 25 out. 2023.

<sup>22</sup> <https://jovempan.com.br/programas/panico> acesso em 25 out. 2023

Figura 12: Jair Bolsonaro no Pânico



Fonte: Extraído de Jair Bolsonaro, 2022 (1h09min29s).

Todos os dias, o programa tem um quadro de Samy Dana, com notícias e análises econômicas, um quadro de Zukerman trazendo notícias do dia a dia, sempre comentadas por Emílio e pela bancada, além de convidados diários, desde políticos, influencers, especialistas, geralmente mais voltados ao espectro político da direita, além da participação do público, que, além de enviar mensagens nas redes sociais, tem a oportunidade de se fazer presente em vídeo, durante toda a atração.

#### 4.1.4 Papo de Boleiro

Inicialmente, apenas um quadro dentro do *Band Esporte Clube*, atração dominical da Bandeirantes na TV aberta, o *Papo de Boleiro*, comandado pelo jornalista Fernando Fernandes, foi notabilizando-se e ganhou um espaço próprio no canal por assinatura Bandsports, da mesma rede. Atualmente, o quadro segue sendo apresentado nas duas modalidades, além de estar disponível no site da Bandeirantes.

Com um formato mais íntimo do que as protocolares entrevistas coletivas ou as pré e pós-jogo, ainda no estádio, com atletas e treinadores, o formato apresentado por Fernando Fernandes permite a inserção no mundo particular de personalidades da bola, com a pauta muito além das quatro linhas. A atração foi tão bem aceita pelos boleiros e pela audiência que já está há mais de vinte anos no ar.

Contribuem para o andamento das entrevistas uma abordagem mais informal e individual, diferente das características mais tradicionais das entrevistas esportivas,

que quando não ocorrem nos estádios e salas de imprensa, geralmente acontecem nos estúdios das emissoras e, na maioria das vezes, com mais de um entrevistador, o que não acontece no *Papo de Boleiro*.

Figura 13: Papo de Boleiro com atacante Everton



Fonte: Extraído de [Papo de Boleiro] Everton, 2019 (15min49s).

#### 4.2 Análise

Após a exposição de todos os pontos possíveis para encorpar a comparação dos diferentes tipos de entrevista, as quatro atrações escolhidas, como descritas anteriormente, têm características que as fazem explorar caminhos distintos para o objetivo final: obter informação através da entrevista.

Ao tratar-se da abordagem, a mais direta ao ponto, característica do *PBS NewsHour*, é um método que adequa-se à sua proposta, uma vez que o programa apresenta bem mais do que apenas uma entrevista durante a hora em que permanece no ar. Dentre os quatro programas apresentados nesta análise, o *PBS NewsHour* é o que permanece pelo tempo mais reduzido com cada entrevistado e com o interesse do tema mais focado no dia da entrevista em questão, proporcionando conversas mais técnicas e factuais.

Além disso, certas vezes, a proposta do programa apresenta um confronto muito bem mediado entre dois entrevistados antagônicos sobre um determinado assunto, o que não permite uma entrevista mais particular, como ocorre nos demais objetos apresentados. Diferente dos outros programas, muitos dos entrevistados da atração

estadunidense são jornalistas ou comentaristas, reforçando a ideia de conversas com intuito mais factual.

Ao trazer o olhar para a abordagem utilizada no *Roda Viva*, a profundidade é uma das diferenças mais perceptíveis em comparação ao programa da PBS. Adicionando como outro exemplo de comparação o programa *Bola da Vez*, do canal esportivo ESPN, a rotatividade dos entrevistadores não permite ao entrevistado e suas assessorias uma previsibilidade concreta do teor das perguntas que podem aparecer durante o bate-papo.

Tanto no histórico programa esportivo como no tradicional programa da TV Cultura, são convidados entrevistadores que possuam alguma familiaridade com o entrevistado ou com o tema que aquela pessoa é chamada para abordar na conversa. O tom mais formal das entrevistas é semelhante, mesmo que o *PBS NewsHour* apresente uma conversa mais factual e voltada para o dia a dia do que a profundidade do *Roda Viva*.

São características que assemelham os programas: a vestimenta dos entrevistadores (no caso do *NewsHour*, sempre com roupas sociais; já no *Roda Viva*, esta característica não é unânime, mas a grande maioria dos entrevistadores segue este padrão de vestimenta na bancada), o vocabulário formal utilizado nas perguntas e réplicas, sempre com atenção para traduzir aos telespectadores o que for necessário, e o cenário “limpo”, com poucas cores, transmitindo seriedade.

Ao tratar-se dos cenários, no *NewsHour* nota-se a os traços em conformidade com a paleta de cores da bandeira dos Estados Unidos, enquanto no *Roda Viva*, o branco predominante possui detalhes em marrom, que remete-se ao tom de cor do antigo cenário do programa, que hoje é utilizado na logo da atração.

A profundidade que existe na produção nacional, muito em função da duração do programa, o qual passa de uma hora com o entrevistado em foco, somado ao conhecimento prévio que os entrevistadores possuem, possibilita que adentre-se em tópicos muito particulares da vida pessoal dos convidados, protagonizando entrevistas íntimas ou que façam os entrevistados revelarem outras faces, por vezes mais fragilizadas e por outras vezes mais defensivas, atacando e rebatendo os entrevistadores, como na famosa entrevista com o empresário e ex-governador de São Paulo Orestes Quécia, em 1994, que, durante a sua campanha presidencial, foi ao programa e discutiu de forma agressiva com o jornalista Rui Xavier, do jornal *O Estado de São Paulo*.

Indo de encontro com a grande maioria das características citadas nos dois primeiros programas, temos o *Pânico*. A atração já diferencia-se das demais ao colocar

humoristas na sua bancada, o que instantaneamente já torna o ambiente menos rígido do que os apresentados, principalmente, no *PBS NewsHour*.

O apresentador do programa, Emílio Surita, tem por característica, além da mediação dos debates e entrevistas, geralmente introduzir a sua opinião aos questionamentos, o que faz destoar ainda mais as perguntas das tradicionais realizadas nos outros programas citados.

Um quesito no qual o *Pânico* assemelha-se ao programa da PBS é na previsibilidade, pelo menos na abordagem. O entrevistado que aceita ir à Jovem Pan para conversar com a bancada já tem noção do que está por vir. Porém, não deve-se confundir um ambiente mais leve com um clima de relaxamento.

Mesmo que a conversa ocorra num tom mais informal, com algumas piadas, intervenções e comparações, o conteúdo que é tratado nas entrevistas é muito sério e envolve questões como o dia a dia da política nacional, impactos na economia, relações internacionais, liberdade de expressão, projetos de lei, decisões judiciais, entre outros temas.

Além do tom informal dos bate-papos, outra peculiaridade que distingue o programa dos outros tratados até o momento, é o cenário. No momento em que foram para o YouTube, os programas eram apresentados no próprio cenário da rádio, onde já ocorria a transmissão simultânea com a Jovem Pan FM.

Entretanto, com o passar do tempo, mais a inserção do *Pânico* na plataforma de *streaming* da Rede Jovem Pan, a Panflix, e, mais para frente, a volta do programa à televisão, os investimentos e alterações no cenário começaram a aparecer. Dentre as características das mudanças de visual, mostraram-se a abundância de cores, telas interativas e não constantes, espaçamentos entre os integrantes, subdividindo-os entre uma mesa “principal” com o apresentador e mais dois integrantes, somando-se ao convidado (como mostra a Figura 12), além de uma mesa auxiliar com os demais e inúmeros itens sobre as mesas.

Com o advento da pandemia, a atração adaptou-se para ter o público em vídeo, diariamente. Emílio e a bancada utilizavam o tempo em que o programa estava no intervalo da rádio, mas seguia ao vivo no *YouTube*, para interagir com as pessoas que estavam conectadas com o *Pânico*, que além de mandar abraços e divulgar suas marcas, também deixavam perguntas para os entrevistados que viriam a seguir, aumentando a gama de diferenciações das perguntas entre os programas. Tanto no *NewsHour* como no *Roda Viva*, não há esta intensidade de interação com os telespectadores.

Remodelado em 2023 (como mostra a Figura 14), o estúdio seguiu com uma intensa abundância de elementos visuais e interativos que, por vezes, até podem distrair o telespectador. Porém, trouxe o entrevistado para mais perto da grande maioria dos entrevistadores. A mesa do apresentador, assim como no cenário anterior, segue com uma emaranhado de itens. Estas características reforçam a proposta de informalidade do programa.

Figura 14: Estúdio remodelado do Pânico



Fonte: Extraído de Nikolas Ferreira, 2023 (1h22min03s).

Ao encontro do *Pânico* no quesito da informalidade, temos o *Papo de Boleiro*. Reconhecido pelos personagens da bola, o quadro consegue trazer entrevistas leves, descontraídas, quase sempre com relatos inéditos de jogadores em atividade, ex- atletas, treinadores e dirigentes.

Muito diferente dos outros três programas apresentados anteriormente e do citado *Bola da Vez*, do mesmo gênero que o *Papo de Boleiro*, o programa não tem um estúdio para chamar de seu. Fernando Fernandes comanda todas as entrevistas fora das paredes da Bandeirantes, em um ambiente que o entrevistado sinta-se à vontade, podendo ser no centro de treinamentos, local de um ex- clube, sua cidade natal ou até na própria casa do convidado.

Em entrevista ao *podcast Joga Fácil*<sup>23</sup>, Fernando Fernandes explica que quando surgiu a ideia do quadro, ele pediu para que não tivesse “um microfone apontado para

<sup>23</sup> <https://www.youtube.com/watch?v=DJebT8ELJ-c> acesso em 26 out. 2023.



o jogador” porque acreditava que ajudaria a conversa a ser mais próxima. Diferente do *Roda Viva* e do *Pânico*, não há mais de um entrevistador. No *PBS NewsHour*, na maioria das vezes, há um entrevistador apenas. Porém, algumas vezes, os dois co-âncoras participam da conversa. No *Papo de Boleiro*, além do entrevistador único, o programa não conta com mais de um entrevistado, trazendo sempre conversas personalizadas, de acordo com a história do convidado.

Figura 15: Papo de Boleiro com ex-lateral Rogério



Fonte: Extraído de Papo de Boleiro: Rogério, 2018 (8min01s).

Os dois últimos programas analisados têm a característica de, intencionalmente, criar uma proximidade com os entrevistados, pois esta funcionalidade enriquece o produto final, trazendo uma entrevista mais rica em detalhes, que vai resultar em uma conclusão que adequa-se com qualidade aos objetivos das atrações.

Esta característica em específico é o carro-chefe dessas entrevistas, pois, no caso do *Papo de Boleiro*, é necessária uma distinção daquela figura do campo com o íntimo da pessoa, que, muitas vezes, não é conhecida pelo grande público.

Já no caso do *Pânico*, além da preocupação com o produto final, há uma linha editorial e uma atenção ideológica às entrevistas. O alto índice de audiência do programa é utilizado para fomentar lideranças regionais do espectro ideológico mais à direita, trazendo-os ao programa e disseminando-os ao Brasil inteiro.

Mesmo em entrevistas com pessoas de “fora da bolha”, o *Pânico* se preocupa em trazer o ponto de vista do espectro que atende. O entrevistado antagônico expõe

as suas ideias e a bancada, a partir de réplicas e comentários, esclarece porque o grupo pensa daquela maneira.

Para conceituar esse fenômeno, escolheu-se o termo “entrevista confirmativa”, pois a sua matriz consiste em trazer ao seu público-alvo o conceito divergente, ao mesmo tempo em que há uma preocupação em explicar e educar, mostrando porque tal ideia ou ação é empregada pelo espectro-alvo.

## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A trilha de raciocínio deste trabalho foi construída de maneira em que fossem acrescentados elementos e diferenciações durante o percurso. Inicia-se abordando a entrevista em teoria. Seguindo a linha de pensamento, trata-se da ética como base para uma boa entrevista, passando, na sequência, por técnicas de entrevista e expertise do entrevistador, finalizando o capítulo teórico inicial.

Em seguida, inicia-se uma contextualização sobre as maneiras com as quais a entrevista é aplicada em diferentes áreas, elencando-se tipos de entrevistas, abordando aspectos do jornalismo de televisão, discorrendo sobre gêneros televisivos e formatos de programas, com ênfase nos famosos *talk shows*.

Por fim, antes da análise, foi prudente a apresentação dos programas que foram objeto da análise comparativa, sendo eles: *Roda Viva*, *PBS NewsHour*, *Pânico* e o *Papo de Boleiro*, visando uma compreensão mais expandida acerca das atrações, possibilitando um entendimento dos pontos citados nas comparações de abordagem e cenário, por exemplo.

O grande objetivo desta análise, que era compreender se os mais variados tipos e abordagens de entrevista possibilitariam ao telespectador a obter informação, encerra-se com um desfecho positivo. As diferentes características dos programas não os impossibilita de levar um conteúdo rico ao cidadão. Aliás, muito pelo contrário: ao elencarem-se as características particulares de cada um dos programas, seguindo a sua proposta, nota-se que são exatamente essas diferenciações que possibilitam com que ambos atinjam ao objetivo de informar ao público.

“Nesse trabalho, temos de ser o mais autêntico possível, porque isso cria uma relação de confiança, de credibilidade, de proximidade. Acho que você tem que ser você, porque assim você cria essa relação não só com o entrevistado como também com seu telespectador. Você ser fiel aos seus valores cria essa situação” (Fernando Fernandes, 2017)<sup>24</sup>.

Numa toada mais formal, o *PBS News Hour*, do seu jeito mais *hard news*, recheado de informação, esclarecimentos, literalmente fazendo uso de seus entrevistados para traduzir ao cidadão as informações da maneira mais simplificada possível; o *Roda Viva*, fazendo uso pela profundidade, variando entre o formal e informal, aliado aos recursos visuais de um cartunista, auxiliando a personificar o entrevistado.

Já na abordagem mais leve, como a do *Pânico*, através da sua irreverência e informalidade, criando uma sensação de pertencimento, e o *Papo de Boleiro*, guiando a conversa para uma relação mais íntima, buscando um olhar que difira do costumeiro para

<sup>24</sup> <https://www.torcedores.com/noticias/2017/01/ja-chorei-com-muitos-jogadores-diz-apresentador> – acesso em 26 out. 2023.

aquele tipo de entrevistado, que é o profissional do futebol, uma categoria de trabalhador acostumada a ter em seu holofote a cobrança e uma avaliação constante do seu desempenho (que é mais elevada a depender da instituição que representa).

Um ponto que poderia ter enriquecido a análise, se tivesse subsídio para ser comparado, é a reação do público que consome esses programas. Partindo do consenso obtido neste estudo de que cada atração usa a entrevista de uma maneira diferente, mesmo que, no final, o objetivo seja similar, os públicos desses programas são distintos, o que pode fazer com que reajam de formas diversas à exposição dos conteúdos.

No caso do *Papo de Boleiro* em comparação com o *Roda Viva* ou o *Pânico*, o público até pode ser o mesmo, porém, a circunstância em que são assistidos é diferente, em função dos horários de veiculação dos mesmos. Por isso, o tipo de reação do público pode ser diferente, mesmo que as pessoas sejam as mesmas.

O comportamento é produto do nosso tempo. Com tantos dados de consumo e audiência, de perfil de usuário e de seus hábitos e interações sendo coletados em tempo real por meio de softwares como o Google Analytics ou outros sistemas, o jornalismo tem à sua disposição informações quantitativas como nunca antes foi possível. (Christofoletti; Vieira, 2015, p. 78)

No caso do *Papo de Boleiro* em comparação com o *Roda Viva* ou o *Pânico*, o público até pode ser o mesmo, por tratarem-se de programas veiculados no Brasil em dias e horários não conflitantes. Entretanto, a circunstância em que são assistidos é diferente, em função dos horários de veiculação dos mesmos e, no caso da atração esportiva, um dia exclusivo, o qual geralmente é de folga para a classe trabalhadora do país. Por isso, o tipo de reação do público pode ser diferente, mesmo que as pessoas sejam exatamente as mesmas.

Dentre todos os programas analisados, o qual acredito ter a forma mais eficaz de transmitir as mensagens das entrevistas ao seu público é o *Pânico*. A escolha dos entrevistados é realizada de forma assertiva, a grande maioria deles é identificada com a linha do programa, tendo muitos já participado em outras oportunidades, além de manterem uma ligação ideológica com o público, que abraça a forma diferente de informar apresentada pela atração. “A ordem estrutural, de certa forma, é sempre passível de ser questionada, adaptada, reinventada, transformada” (Strauss<sup>25</sup> *apud* Pereira; Adghirni, 2011).

---

<sup>25</sup> STRAUSS, A. L. *Miroirs et masques : une introduction à l'interactionnisme*. Paris: Métailié, 1992.

## REFERÊNCIAS

- [PAPO DE BOLEIRO] ÉVERTON revela: "Médico disse que não poderia jogar futebol" | Band Esporte Clube. YouTube, 2019. 1 vídeo (18min05s). Publicado no Canal Band Esporte Clube. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=a6UlcmeGd48>. Acesso em: 30 out. 2023.
- ADRIANO DA ENTREVISTA ao Fantástico. YouTube, 2010. 1 vídeo (10min24s). Publicado no Canal Canallnove. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=-7FHwAh7nN0&t=194s>. Acesso em 19 out. 2023.
- ALTMAN, Fábio. **A arte da entrevista**: uma antologia de 1823 aos nossos dias. São Paulo: Scritta, 1995.
- AMARAL, Luiz. **Técnica de Jornal e Periódico**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1978.
- ANGRIMANI, Danilo. **Espreme que sai sangue**: um estudo do sensacionalismo na imprensa. São Paulo: Summus, 1994.
- AVENTURAS NA HISTÓRIA. Disponível em: <https://aventurasnahistoria.uol.com.br/noticias/reportagem/virgindade-e-doenca-polemica-e-ntrevista-de-michael-jackson-para-oprah.phtml>. Acesso em: 20 out. 2023.
- BACKES, Suelen. A Teoria do Duplo Fluxo da Comunicação e os Influenciadores Digitais como Líderes de Opinião. **Revista Discente Planície Científica**, Campos dos Goytacazes, v. 1, n. 1, jan./jul. 2019. Disponível em: <https://periodicos.uff.br/planiciecienfifica/article/view/28954>. Acesso em: 20 set. 2023.
- BAHIA, Juarez. **Jornal, História e Técnica**: História da Imprensa Brasileira. São Paulo: Ática, 1990.
- BARDIN, Laurence. **Análise de Conteúdo**. São Paulo: Edições 70, 2011.
- BORIS CASOY - Portas Abertas, com Carlos Tramontina - #07 #PA. YouTube, 2023. 1 vídeo (1h24min45s). Publicado no Canal Flow News. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=XlrWGvmXQVA&list=PLuovqr0ysrEAbc7SQV9jLyezEQ uTYHaNA&index=14&t=87s>. Acesso em 18 out. 2023.
- BOTIN, Livia Maria. **Ciência e tecnologia em debate**: uma análise das entrevistas do programa Roda Viva, da TV Cultura (1986-2006). 2016. Tese (Doutorado em História) – Programa de Pós-graduação em História Social, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2016. Disponível em: [https://teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8138/tde-09092016-141643/publico/2016\\_LiviaMariaBotin\\_VOrig.pdf](https://teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8138/tde-09092016-141643/publico/2016_LiviaMariaBotin_VOrig.pdf). Acesso em: 07 nov. 2023.
- BOURDIEU, Pierre. **Sobre Televisão**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1997.
- BOURDIEU, Pierre. **A miséria do mundo**. Tradução de Mateus S. Soares. 3a edição. Petrópolis: Vozes, 1999.
- CAMAZATTA, Regina. Uma análise comparada dos códigos de ética jornalística nos países da América do Sul. **Estudos em Jornalismo e Mídia**, Florianópolis, v. 12, n. 1, jan./jun. 2015. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/jornalismo/article/view/1984-6924.2015v12n1p>

186. Acesso em: 19 set. 2023.

CAMPOS, Pedro Celso. Técnicas de Entrevista. **Observatório da Imprensa**. São Paulo, 2002. Disponível em:  
<https://www.observatoriodaimprensa.com.br/primeiras-edicoes/tcnicas-de-entrevista/>.  
 Acesso em 18 set. 2023

CAMPOS, Pedro Celso. Gêneros do Jornalismo e técnicas de entrevista. **Estudos em Jornalismo e Mídia**, Porto, v. 6, n. 1, 2009. Disponível em:  
<https://www.bocc.ubi.pt/pag/campos-pedro-generos-do-jornalismo.pdf>. Acesso em: 16 set. 2023.

CAPUTO, Stela Guedes. **Sobre entrevististas**: Teoria, prática e experiências. Petrópolis: Vozes, 2010. Disponível em:  
[https://dennisdeoliveira.files.wordpress.com/2014/09/stela\\_guedes\\_caputo\\_-\\_sobre\\_entrevistas-1-1.pdf](https://dennisdeoliveira.files.wordpress.com/2014/09/stela_guedes_caputo_-_sobre_entrevistas-1-1.pdf). Acesso em 18 set. 2023.

CASCAIS, Fernando. **Dicionário de jornalismo**: as palavras dos media. São Paulo: Verbo Lisboa, 2001.

CHAPARRO, Manuel. **Sotaques d'aquém e d'além mar**: percursos e gêneros do jornalismo português e brasileiro. Santarém/PT: Jortejo, 1998.

CHRISTOFOLETTI, Rogério; **Ética no Jornalismo**. São Paulo: Contexto, 2008.

CHRISTOFOLETTI, Rogério; DE SOUZA VIEIRA, Livia. Métricas, ética e “cultura do clique” no jornalismo online brasileiro: o caso de resistência do não fo.de. **Revista Dispositiva**, Belo Horizonte, v. 4, n. 1, 2015, p. 74–87. Disponível em:  
<https://seer.pucminas.br/index.php/dispositiva/article/view/11346/9189>. Acesso em: 26 set. 2023.

DO ROSÁRIO, Nísia Martins. Do talk show ao televisivo: mais espetáculo, menos informação. **Em Questão**, Porto Alegre, v. 14, n. 2, p. 149–162, 2009. Disponível em:  
<https://seer.ufrgs.br/index.php/EmQuestao/article/view/6415>. Acesso em: 21 set. 2023.

DUARTE, Jorge. Entrevista em profundidade. **Métodos e técnicas de pesquisa em comunicação**, São Paulo, v. 1, 2005. Disponível em:  
[https://d1wqtxts1xzle7.cloudfront.net/60586395/Entrevista\\_em\\_profundidade20190913-12365-1kjb1f2-libre.pdf?1568410197=&response-content-disposition=inline%3B+filename%3DEntrevista\\_em\\_profundidade.pdf&Expires=1700259843&Signature=ETPAAd2z3FDcZ87TJ1KorNawFOtHn1v74j4dgBulcnGHcrZHn4QcWVvO1m978POBgugJme3a9PK0lai-mU~ujhw~Y19h39enS24pQWet0oPpVfTz9Cs58ktNeGpAoJ9BTp0SEuUXztW0~iXb06eX~lrAEbmD65RBojj2gRjb7fOJEQ0yCM3t8dzAB0QuQskID3na6QiDtmz6hU2WkWRxhGvXljLxN6IYM-IFnXMJRT520zCnkKBXEuglXyEfOx8nsSgkirZCnPSx7HxKqL2vSql2VjyG6YA~so8mkFV~yGg8A8pXPGEmptLNvuVMpF8oGRbyzQyEwIGBMk~xw3nW2Dw\\_\\_\\_&Key-Pair-Id=APKAJLOHF5GGSLRBV4ZA](https://d1wqtxts1xzle7.cloudfront.net/60586395/Entrevista_em_profundidade20190913-12365-1kjb1f2-libre.pdf?1568410197=&response-content-disposition=inline%3B+filename%3DEntrevista_em_profundidade.pdf&Expires=1700259843&Signature=ETPAAd2z3FDcZ87TJ1KorNawFOtHn1v74j4dgBulcnGHcrZHn4QcWVvO1m978POBgugJme3a9PK0lai-mU~ujhw~Y19h39enS24pQWet0oPpVfTz9Cs58ktNeGpAoJ9BTp0SEuUXztW0~iXb06eX~lrAEbmD65RBojj2gRjb7fOJEQ0yCM3t8dzAB0QuQskID3na6QiDtmz6hU2WkWRxhGvXljLxN6IYM-IFnXMJRT520zCnkKBXEuglXyEfOx8nsSgkirZCnPSx7HxKqL2vSql2VjyG6YA~so8mkFV~yGg8A8pXPGEmptLNvuVMpF8oGRbyzQyEwIGBMk~xw3nW2Dw___&Key-Pair-Id=APKAJLOHF5GGSLRBV4ZA). Acesso em: 21 set. 2023.

É O TIME DO POVO. Disponível em:  
<https://eotimedopovo.com.br/2023/05/tiquinho-fala-o-que-falta-ao-corinthians-em-entrevista-no-intervalo.html>. Acesso em: 19 out. 2023.

ERBOLATO, Mário L. **Técnicas de codificação em jornalismo**: redação, captação e edição no jornal diário. 3. ed. Petrópolis: Vozes, 1984.

FECHINE, Yvana. Gêneros televisuais: a dinâmica dos formatos. **Revista Symposium**, Recife, v. 5, n. 1, 2001. p. 14-26. Disponível em:  
<https://www.maxwell.vrac.puc-rio.br/3195/3195.PDF> Acesso em 26 set. 2023.

FEDERAÇÃO NACIONAL DOS JORNALISTAS (FENAJ). **Código de ética dos jornalistas brasileiros**. Fenaj: Vitória, 2007. Disponível em:  
[https://fenaj.org.br/wp-content/uploads/2014/06/04-codigo\\_de\\_etica\\_dos\\_jornalistas\\_brasil\\_eiros.pdf](https://fenaj.org.br/wp-content/uploads/2014/06/04-codigo_de_etica_dos_jornalistas_brasil_eiros.pdf). Acesso em: 19 set. 2023.

FELIX, Fernanda. Conheça os 8 tipos de entrevista. **Academia do Jornalista**, [s. l.], [2018]. Disponível em:  
<https://academiadojornalista.com.br/producao-de-texto-jornalístico/tipos-de-entrevista/>. Acesso em: 19 set. 2023.

FLICKR. Disponível em:  
<https://www.flickr.com/photos/governosp/48996896922/in/album-72157711596347467/>. Acesso em: 20 out. 2023.

GASKELL, George; BAUER, Martin W. **Pesquisa Qualitativa com Texto, Imagem e Som: um manual prático**. Petrópolis, Vozes, 2003. Disponível em:  
<https://books.google.com.br/books?hl=pt-BR&lr=&id=tR46DwAAQBAJ&oi=fnd&pg=PT17&q=Pesquisa+Qualitativa+com+Texto,+Imagem+e+Som:+um+manual+pr%C3%A1tico&ots=6fLEIMZS6U&sig=MxE-tyoNW0KkzrxmfOwYHKjrlKQ#v=onepage&q=Pesquisa%20Qualitativa%20com%20Texto%2C%20Imagem%20e%20Som%3A%20um%20manual%20pr%C3%A1tico&f=false>. Acesso em 22 set. 2023.

GAY TALESE - 20/07/2009. YouTube. 2009. 1 vídeo (1h18min33s). Publicado no Canal Roda Viva. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=wJSDNmhoLhE>. Acesso em: 30 out. 2023.

GOMES, Jacielle Sirqueira Cesário. **Análise de implicaturas conversacionais em entrevista do programa Roda Viva**. Monografia (Licenciatura em Letras - Língua Portuguesa) - Universidade Federal de Alagoas. Arapiraca, 48 f., 2022. Disponível em:  
<https://ud10.arapiraca.ufal.br/repositorio/publicacoes/4540>. Acesso em: 05 nov. 2023.

GROBEL, Lawrence. **The Art of the Interview**. New York. Crown, 2004.

HOLMES, Su. **The quiz show**. Edimburgo: Edinburgh University Press, 2008. Disponível em:  
[https://www.academia.edu/243562/The\\_Quiz\\_Show\\_Edinburgh\\_University\\_Press\\_2008\\_](https://www.academia.edu/243562/The_Quiz_Show_Edinburgh_University_Press_2008_). Acesso em 16 out. 2023.

JAIR BOLSONARO - Pânico - 26/08/22. YouTube, 2022. 1 vídeo (2h58min08s). Publicado no Canal Pânico Jovem Pan. Disponível em:  
[https://www.youtube.com/watch?v=zD\\_3rOuP0SQ](https://www.youtube.com/watch?v=zD_3rOuP0SQ). Acesso em: 30 out. 2023.

JIMMY FALLON Remembers Kobe Bryant. YouTube, 2020. 1 vídeo (3min02s). Publicado no Canal The Tonight Show Starring Jimmy Fallon. Disponível em:  
<https://www.youtube.com/watch?v=aABYKcPJ5NQ>. Acesso em 25 out. 2023.

JÔ E ROBERTO CARLOS se emocionam durante a entrevista - 10/12/2016. Globoplay, 2016. 1 vídeo (9min42s). Disponível em: <https://globoplay.globo.com/v/5504563/>. Acesso em: 18 out. 2023.

JOST, François. **Seis lições sobre a televisão**. Porto Alegre: Sulina, 2004.

LAGE, Nilson. **A reportagem: teoria e técnica de entrevista e pesquisa jornalística**. Rio de Janeiro: Record, 2001. Disponível em <https://nilsonlage.com.br/wp-content/uploads/2017/10/A-reportagem.pdf> acessado em 11/09/2023.

LAKATOS, Eva Maria; MARCONI, Marina de Andrade. **Técnicas de pesquisa**. 3a edição. São Paulo: Editora Atlas, 1996.

LEGARD, Robin; KEEGAN, Jill; WARD, Kit. In-depth Interviews. **Qualitative Research Practice: A Guide for Social Science Students and Researchers**, Londres, v. 6, n. 1, p. 138-169, 2003. Disponível em: <https://books.google.com.br/books?hl=pt-BR&lr=&id=hANdBAAAQBAJ&oi=fnd&pg=PA138&dq=In-depth+Interviews&ots=QkdWS4zizo&sig=uybqGpNAZW2IV930B7VhPyBGjP8#v=onepage&q=In-depth%20Interviews&f=false>. Acesso em: 02 out. 2023.

LERY, Julia. **Talk show: gênero, história e consolidação no Brasil**. In: XXVIII CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO DA INTERCOM, 2005, Rio de Janeiro. Disponível em: <https://portalintercom.org.br/anais/nacional2015/resumos/R10-0384-1.pdf>. Acesso em 26 set. 2023.

LOTZ, Amanda D. **The Television Will Be Revolutionized**. New York: New York University Press, 2007. Disponível em: <https://books.google.com.br/books?hl=pt-BR&lr=&id=yeZ8BAAAQBAJ&oi=fnd&pg=PR9&dq=The+Television+Will+Be+Revolutionized&ots=2SLSSG1x5F&sig=cD938PDVHJpCA3Tbvi4fgJXswro#v=onepage&q=The%20Television%20Will%20Be%20Revolutionized&f=false>. Acesso em 22 set. 2023.

MACHADO, Arlindo. Pode-se falar em gêneros televisuais?. **Revista Famecos**, Porto Alegre, v. 6, n. 10, p. 142-158, jun. 1999. Disponível em: <https://revistaseletronicas.pucrs.br/index.php/revistafamecos/article/view/3037/2315>. Acesso em: 06 jun. 2023.

MACHADO, Arlindo. **A TV levada a sério**. 2a ed. São Paulo: Senac, 2000.

MALTA, Ana Teresa Alves. **Proximidade e afastamento: diferenças entre a entrevista pessoal e a distância**. Monografia (Bacharelado em Comunicação Social com habilitação em Jornalismo) - Universidade de Brasília. Brasília, 73 f., 2015. Disponível em: [https://bdm.unb.br/bitstream/10483/11684/1/2015\\_AnaTeresaAlvesMalta.pdf](https://bdm.unb.br/bitstream/10483/11684/1/2015_AnaTeresaAlvesMalta.pdf). Acesso em: 26 out. 2023.

MANHANGUELE, Mauro Armando Adelino. **O jogo da nação: o futebol e a construção da unidade nacional em Moçambique, 1975-2019**. 2022. Dissertação (Mestrado em História) - Universidade Eduardo Mondlane, Maputo, 69 f., 2022. Disponível em: <http://www.repositorio.uem.mz/bitstream/258/700/1/2022%20-%20Manhanguelle%2c%20Mauro%20Armando%20Adelino%20.pdf>. Acesso em: 18 set. 2023.

MARCONDES FILHO, Ciro. **Televisão: a vida pelo vídeo**. São Paulo: Moderna, 2001.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. **Produção textual, análise de gêneros e compreensão**. São Paulo: Parábola Editora, 2008.



MEDINA, Cremilda de A. **Entrevista: o diálogo possível**. 3 ed. São Paulo: Editora Ática, 1995.

MOREIRA, Pedro de Almeida. **A entrevista enquanto gênero da narrativa televisiva: o caso de Alta-Definição**. 2019. Dissertação (Mestre em Som e Imagem) - Escola das Artes, Universidade Católica Portuguesa. Porto, 74 f., 2019. Disponível em: [https://repositorio.ucp.pt/bitstream/10400.14/28907/1/Pedro%20Moreira\\_Dissertacao.pdf](https://repositorio.ucp.pt/bitstream/10400.14/28907/1/Pedro%20Moreira_Dissertacao.pdf). Acesso em: 18 out. 2023.

MORGA RODRIGUEZ, Luis Enrique. **Teoría y técnica de la entrevista**. Tlalnepantla: Red Tercer Milenio, 2012. Disponível em: <http://biblioteca.udgvirtual.udg.mx/jspui/bitstream/123456789/2712/1/Teor%c3%ada%20y%20t%c3%a9cnica%20de%20la%20entrevista.pdf>. Acesso em 22 set. 2023.

NICHOLS, Bill. **Introdução ao documentário**. São Paulo: Papyrus, 2007.

NIKOLAS FERREIRA - Pânico - 30/06/23. YouTube, 2023. 1 vídeo (2h09min52s). Publicado no Canal Pânico Jovem Pan. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=oaRQxtOu6Bl>. Acesso em: 30 out. 2023.

OBRAS NO PARQUE HARMONIA são lançadas oficialmente em Porto Alegre - 05/07/2022. Globoplay, 2022. 1 vídeo (4min33s). Disponível em: <https://globoplay.globo.com/v/10728373/>. Acesso em: 19 out. 2023.

OYAMA, Thaís. **A Arte de Entrevistar Bem**. São Paulo: Editora Todavia, 2019. Disponível em: <https://plataforma.bvirtual.com.br/Acervo/Publicacao/1355>, Acesso em 28 out. 2023.

PAPO DE BOLEIRO: ROGÉRIO fala de carreira em times rivais. Band.uol. 1 vídeo (12min09s). Disponível em: <https://www.band.uol.com.br/esportes/band-esporte-clubes/videos/papo-de-boleiro-rogerio-fala-de-carreira-em-times-rivais-16420220>. Acesso em: 01 nov. 2023.

PATTON, Michael Quinn. **Qualitative Research and Evaluation Methods**. Thousand Oaks: Sage Publications, 2002. Disponível em: [https://books.google.com.br/books?hl=pt-BR&lr=&id=ovAkBQAAQBAJ&oi=fnd&pg=PP1&q=Qualitative+Research+and+Evaluation+Methods&ots=ZSWU3szAG2&sig=zMBKdNpdLsazTzFW6uSu\\_0wLPVo&redir\\_esc=y#v=onepage&q=Qualitative%20Research%20and%20Evaluation%20Methods&f=false](https://books.google.com.br/books?hl=pt-BR&lr=&id=ovAkBQAAQBAJ&oi=fnd&pg=PP1&q=Qualitative+Research+and+Evaluation+Methods&ots=ZSWU3szAG2&sig=zMBKdNpdLsazTzFW6uSu_0wLPVo&redir_esc=y#v=onepage&q=Qualitative%20Research%20and%20Evaluation%20Methods&f=false). Acesso em: 18 out. 2023.

PBS NEWSHOUR full episode, May 3, 2018. YouTube, 2018. 1 vídeo (56min13s). Publicado no Canal PBS NewsHour. Disponível em: [https://www.youtube.com/watch?v=M2CL\\_8S2UxM&t=1023s](https://www.youtube.com/watch?v=M2CL_8S2UxM&t=1023s). Acesso em 25 out. 2023.

PEREIRA, Fábio Henrique; ADGHIRNI, Zélia Leal. O jornalismo em tempos de mudanças estruturais. **Intexto**, Porto Alegre, v. 1, n. 24, p. 38-57, jan./jul. 2011. Disponível em: [https://repositorio.unb.br/bitstream/10482/12443/1/ARTIGO\\_JornalismoTempoMudancas.pdf](https://repositorio.unb.br/bitstream/10482/12443/1/ARTIGO_JornalismoTempoMudancas.pdf). Acesso em: 16 set. 2023.

PEREIRA, Vinicius. **Entretenimento como Linguagem e Multissensorialidade na Comunicação Contemporânea**. CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO DA INTERCOM, 2013, Manaus. Disponível em: <http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2013/resumos/r8-1691-1.pdf>. Acesso em: 18 set. 2023.

PEREIRA, Fabio Henrique. A entrevista no jornalismo brasileiro: uma revisão de estudos. **Estudos em Jornalismo e Mídia**, Florianópolis, v. 14, n. 2, jul./dez. 2017. Disponível em: [https://www.researchgate.net/profile/Fabio-Pereira-8/publication/329133175\\_A\\_entrevista\\_no\\_jornalismo\\_brasileiro\\_uma\\_revisao\\_de\\_estudos/links/5cc6f3204585156cd7ba74f2/A-entrevista-no-jornalismo-brasileiro-uma-revisao-de-estudos.pdf](https://www.researchgate.net/profile/Fabio-Pereira-8/publication/329133175_A_entrevista_no_jornalismo_brasileiro_uma_revisao_de_estudos/links/5cc6f3204585156cd7ba74f2/A-entrevista-no-jornalismo-brasileiro-uma-revisao-de-estudos.pdf). Acesso em: 06 jun. 2023.

RODA VIVA | Câmera do Caruso | 17/03/2014. YouTube, 2014. 1 vídeo (42min14s). Publicado no Canal Roda Viva. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?app=desktop&v=ilJfuaS6J-o>. Acesso em 25 out. 2023.

RODA VIVA | Orestes Quércia | 1994. YouTube, 2017. 1 vídeo (58min25s). Publicado no Canal Roda Viva. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=20YpdGeorw4&t=1248s>. Acesso em 19 out. 2023.

ROQUE, Diego; DE OLIVEIRA, Cristina Maria. A retórica no discurso dos jogadores de Futebol. **EnsiQlopédia**, Osório, v. 14, n. 1, p. 56-65, out. 2018. Disponível em: <http://sys.facos.edu.br/ojs/index.php/ensiq/article/view/205/pdf>. Acesso em: 06 nov. 2023.

ROUCHOU, Joëlle. **Ouvir o outro**: entrevista na história oral e no jornalismo. CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO DA INTERCOM, 2003, Belo Horizonte. Disponível em: <http://www.portcom.intercom.org.br/pdfs/154072562523644989602900560687275525569.pdf>. Acesso em 18 set. 2023.

SCHUDSON, Michael. **The power of news**. Cambridge: Harvard University Press, 1996.

SILVA, Fernanda Mauricio. Talk show: um gênero televisivo entre o jornalismo e o entretenimento. **E-compós**, Brasília, v. 12, n. 1, jan./abr. 2009. Disponível em: <https://e-compos.emnuvens.com.br/e-compos/article/view/289/315>. Acesso em: 16 set. 2023.

SIQUEIRA, Mirlene Maria Matias. **Novas Medidas do Comportamento Organizacional: Ferramentas de Diagnóstico e de Gestão**. Edição: 1a ed. [s.l.]: Artmed, 2013.

SODRÉ, Muniz; FERRARI, Maria Helena. **Técnica de reportagem**: notas sobre a narrativa jornalística. 5ª ed. São Paulo: Summus Editorial, 1986.

SOLDI, Dimas Alexandre. **Programas de entrevistas**: formatos e efeitos. Bauru: UFP, 2008.

SOUZA, José Carlos Aronchi de. **Gêneros e Formatos na Televisão Brasileira**. São Paulo: Editora Summus, 2004.

TALESE, Gay. Como não entrevistar Frank Sinatra. In: **Fama e Anonimato**. 2. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2004, p. 508-523.

TAVARES, Bruno Rogério. **Mapas do processo de criação de formatos de programas televisivos**: uma proposta metodológica. 2017. Tese (Doutorado em Comunicação e Semiótica) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo – PUC-SP, São Paulo, 131 f., 2017. Disponível em: <https://tede2.pucsp.br/bitstream/handle/20310/2/Bruno%20Rog%c3%a9rio%20Tavares.pdf>. Acesso em 12 out. 2023.

TRAMONTINA, Carlos. **Entrevista**. Rio de Janeiro: Globo, 1996.



Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul  
Pró-Reitoria de Graduação e Educação Continuada  
Av. Ipiranga, 6681 - Prédio 1 - 3º. andar  
Porto Alegre - RS - Brasil  
Fone: (51) 3320-3500 - Fax: (51) 3339-1564  
E-mail: [prograd@pucrs.br](mailto:prograd@pucrs.br)  
Site: [www.pucrs.br](http://www.pucrs.br)